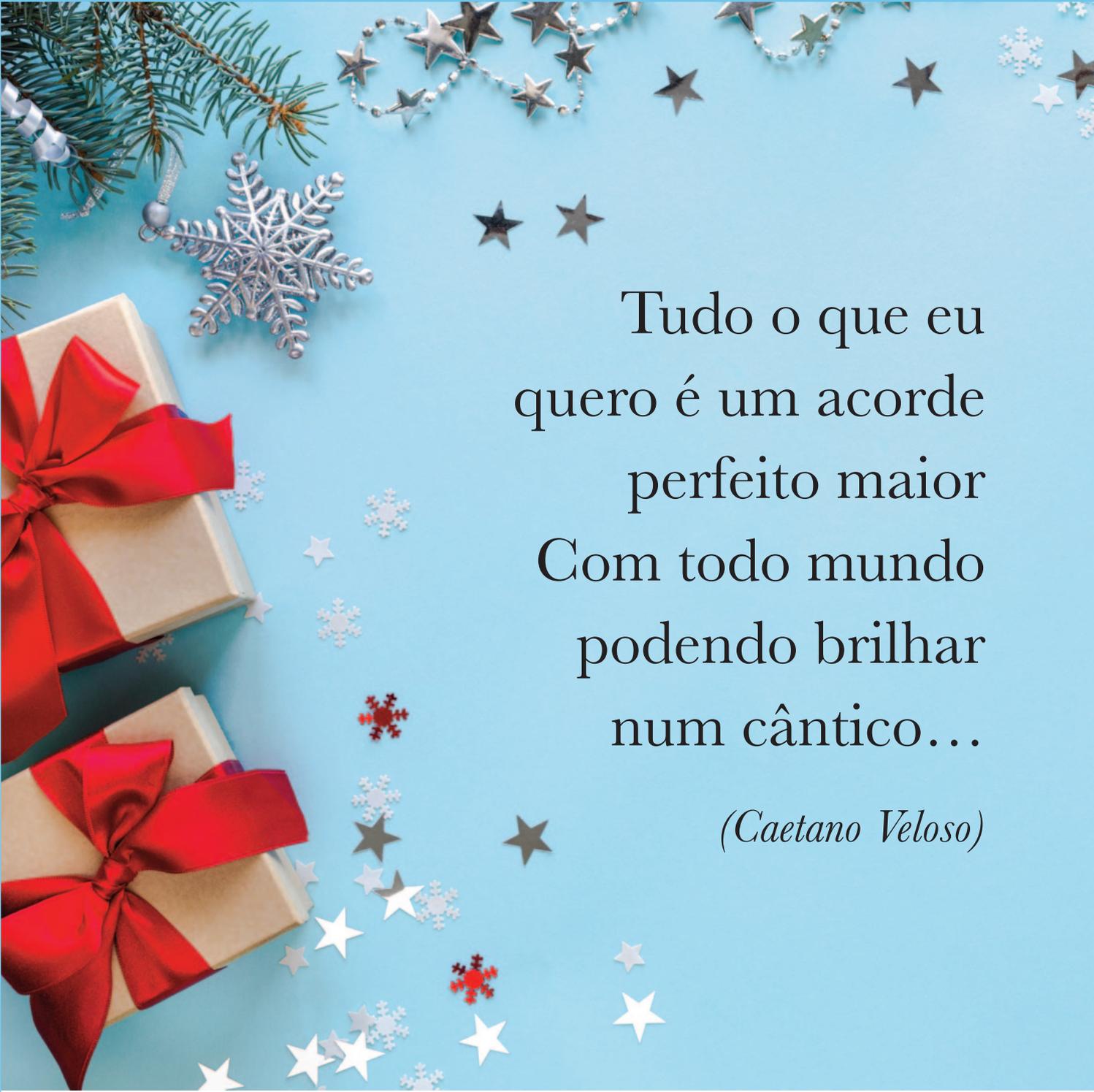


OXIGÊNIO

DEZEMBRO 2021



NÚMERO 28



Tudo o que eu
quero é um acorde
perfeito maior
Com todo mundo
podendo brilhar
num cântico...

(Caetano Veloso)

EDITORIAL

*“... Nenhuma força virá me calar
Tudo o que eu que eu quero é um acorde perfeito maior
Com todo mundo podendo brilhar num cântico...”*

Os versos da música *Muito Romântico*, que abriu a *live* de Caetano Veloso no Natal do ano passado, traduzem o sentimento da Oxigenio nesse final de ano. Inspirada na extraordinária beleza da poesia de Caetano, a edição de dezembro elege a exposição de Renato Bezerra de Mello, “*Que nosso nome não caia no esquecimento*”, em cartaz na galeria Anita Schwartz, no Rio de Janeiro, como um alerta para que a reflexão proposta em seu delicado trabalho, que denuncia o preconceito, a intolerância, a violência e as desigualdades vividas no país, sejam absorvidas para reflexões maduras e responsáveis sobre como se pode contribuir para dar a todos a possibilidade de brilhar.

Brilho que se encontra também nas “*Ousadias Cromáticas*”, de Eduardo Sued, ou na “*Natureza Plástica*”, de Eduardo Srur. Sempre com a coragem de ir adiante, como propõe a nova galeria Mi.STO, no centro do Rio, ou a Feira da Providência, ou ainda a Bienal do Livro.

É Natal, época de renovar esperanças e fazer a diferença.

Boas festas e boa leitura!

Foto de capa: [Quadro foto criado por user14908974 - br.freepik.com](https://www.freepik.com)

(21) 3807-6497 / 97326-6868 | oxigeniorevistabr@gmail.com | www.oxigeniorevista.com
ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.

ÍNDICE

04

OXIGENE: Premiada peça *Cock*, do autor inglês Mike Bartlett, ganha montagem dirigida por Nelson Baskerville | 60ª Feira da Providência | Bienal do Livro Rio 2021

14

EXPOSIÇÃO / ARTES PLÁSTICAS: *“Renato Bezerra de Mello – “Que nosso nome não caia no esquecimento”*

21

TURISMO: Vilnius, uma capital antiga com gosto de novidade

28

EXPOSIÇÃO / ARTES PLÁSTICAS: *As “Ousadia Cromáticas”* de Eduardo Sued

33

EXPOSIÇÃO / SUSTENTABILIDADE: Mostra de Eduardo Srur, *“Natureza Plástica”*, recria obras clássicas com o uso de sacolas plásticas

37

EXPOSIÇÃO / NOVA GALERIA: Mi.STO, nova galeria no centro do Rio, apresenta até dia 18 individual de Israel Stolnicki

40

EXPOSIÇÃO / ARTES PLÁSTICAS: Rebatizada e ampliada, mostra de Patrizia D’Angello reabre dia 4 no Museu da República/RJ

44

PUBLICAÇÃO: *Vagalumes 21*, forças poéticas que resistem à escuridão

48

BEBIDAS: Coquetéis para alegrar o Natal

51

DIRETO DE LONDRES: Quando o Natal começa bem antes...

Jornalista Responsável: Vera Matagqueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone

Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato

Colaboradoras: Antonella Kann, Bianca Bernardo e Vanda Klabin

Premiada peça COCK, do autor inglês Mike Bartlett, ganha montagem dirigida por Nelson Baskerville



Foto: Pedro Bonacina

Encenado em arena, espetáculo fala sobre um homem em conflito com sua sexualidade e identidade. dividido entre um antigo amor e uma nova e inesperada paixão. A montagem tem estreia presencial e gratuita na Oficina Cultural Oswald de Andrade/SP

Considerado um dos maiores autores do teatro britânico contemporâneo, Mike Barlett tem mais um de seus premiados textos encenados no Brasil. Trata-se de *Cock*, com direção de Nelson Baskerville, que tem sua temporada de estreia entre os dias 2 e 18 de dezembro, na Oficina Cultural Oswald de Andrade. As apresentações são gratuitas e acontecem de segunda a sexta, às 20h, e aos sábados, às 18h.

A peça rendeu a Mike Bartlett o Olivier Award (2010), na categoria “*Outstanding Achievement*”, a maior honraria do teatro inglês. A montagem brasileira foi idealizada por Andrea Dupré e Daniel Tavares, que também estão no elenco ao lado de Hugo Coelho e Marco Antônio Pâmio.

“Estamos sempre pesquisando a dramaturgia contemporânea em busca de bons textos e adoramos o teatro inglês. Quanto ao Bartlett, já vínhamos alimentando a vontade de montá-lo há um bom tempo. Chegamos a ler o texto em 2013, mas os direitos autorais não estavam disponíveis na época. Em 2019, fizemos uma nova tentativa e finalmente conseguimos, mas fomos interrompidos pela pandemia”, conta Andrea Dupré.

O espetáculo acompanha o turbulento processo de descoberta da identidade, da sexualidade e do desejo de John, que namora um homem há sete anos. Quando ele e seu companheiro decidem dar um

tempo, o protagonista se apaixona por uma mulher, algo novo em sua vida.

Cheio de angústias e sentimentos conflitantes, John é pressionado a decidir entre o amor de seu antigo namorado e o de sua nova parceira. Mas a maior luta do protagonista é para entender quem ele realmente é e o que sente. Esse conflito é ainda mais agravado pelos próprios desejos de John e pela pressão social para que ele se enquadre em rótulos pré-determinados.

“*Cock*”, em inglês, é uma palavra com múltiplos sentidos. Significa *galo, pau/pênis* e também é uma gíria para descrever alguém de personalidade arrogante. A peça brinca com todos esses sentidos. Conhecida como “*The Cockfight Play*”, a obra dramaturgica começou a ser escrita durante um intercâmbio do autor no México, país da “*lucha libre*” e onde ainda existem as brigas de galos. De alguma forma, Bartlett conectou o ritual das rinhas – nas quais em um pequeno palco duas criaturas se atacam, lutam, e se destroem – com o ritual do teatro. E a partir dessa imagem, começou a construir essa trama centrada em embates cortantes e emocionais.

A ENCENAÇÃO

A montagem de Nelson Baskerville segue essa sugestão do autor de posicionar o público numa arena em cenário criado por Chris Aizner, com uma grande luminária de Wagner Freire. “*Veremos no palco esses personagens chocando-se entre si, expondo suas angús-*



tias, seus medos, seus amores e seus saberes das próprias paixões. Iremos até o limite de aproximação entre plateia e personagens, para que ela veja seus suores, ouça suas respirações, também sofra por eles e possa torcer para que se machuquem o menos possível, porque é evidente que vai doer. O amor é transgressivo e dói”, comenta o diretor.

SOBRE MIKE BARTLETT

Mike Bartlett é um dos mais proeminentes dramaturgos ingleses da atualidade. Já foi autor residente do *National Theatre* e do *Royal Court Theatre* de Londres. Ele também é roteirista de TV e escreveu várias séries de sucesso na Inglaterra. Sua escrita é afiada, inteligente e possui uma comunicação clara, bem-humorada e direta com os públicos jovem e adulto.

A maioria de suas peças ganhou grande destaque na cena teatral internacional e o autor também foi reconhecido com importantes prêmios, principalmente na Inglaterra. Com *“King Charles III”*, o *Critic’s Circle Award* e o *Olivier Award* na categoria *Best New Play*, e foi indicado ao *Tony Award* na mesma categoria. *“Love Love*



Fotos: Pedro Bonacina

Love” ganhou o *Best New Play* no *Theatre Awards UK*. O autor ainda recebeu os prêmios *Writer’s Guild Tinniswood* e *Imison* pela peça *“Not Talking”*, e o *Old Vic New Voices Award* por *“Artefacts”*.

No Brasil, peças como *“Bull”*, *“Contrações”* e *“Love Love Love”* fizeram grande sucesso. A cada novo texto apresentado, fica mais evidente para o público brasileiro o porquê do jovem dramaturgo ser considerado um dos mais importantes autores da contemporaneidade. O espetáculo *“Cock – Briga de Galo”* foi contemplado pela 10ª edição do *Prêmio Zé Renato* para a Cidade de São Paulo.

SERVIÇO:

Cock – Briga de Galo

de Mike Bartlett, com direção de Nelson Baskerville
De 2 a 18 de dezembro – de segunda a sexta, às 20h;
sábados, às 18h

Oficina Cultural Oswald de Andrade

Sala 03 - Rua Três Rios, 363 - Bom Retiro/SP

Ingressos: Grátis, distribuídos 1h antes de cada sessão

Duração: 120 minutos

Classificação indicativa: 14 anos



De 16 a 19, um mundo de opções em moda, gastronomia, artesanato, lazer e entretenimento. Tradição, diversidade e magia no final do ano no Rio

Criada em 1961 por Dom Hélder Câmara com o intuito de angariar fundos para projetos sociais, a Feira da Providência atravessou gerações e se tornou um verdadeiro patrimônio cultural do Rio de Janeiro, através da realização do Banco da Providência.

Nesse ano, de 16 a 19 de dezembro, a Providência será realizada no maior pavilhão do Riocentro, totalizando mais de 20 mil metros quadrados de área visitação

O evento movimentava a Economia Criativa da cidade. A longevidade e força de propósito – ser uma janela para o mundo – reafirmam o prestígio da marca e explicam porque a Feira se mantém presente há tanto tempo na memória afetiva do carioca.

Além de ser uma vitrine cultural e um enorme espaço de compras e lazer, cada edição da Providência deixa um legado de transformação social. O evento é uma das principais fontes de receita do Banco da Providên-

cia, que desenvolve projetos de capacitação profissional e geração de renda para milhares de pessoas em 60 comunidades do Rio de Janeiro.

A Feira tem como missão ser uma janela para o mundo e contribuir para a redução da desigualdade social, através do mergulho em novas culturas, folclores, religiões e rituais. Em paralelo, o evento visa celebrar a união dos povos e nações, expondo a diversidade da arte, da música, da moda e da gastronomia.

SETORES BRASIL E MUNDO

O Pavilhão 4 está dividido em dois setores principais: *Brasil* e *Mundo*. Cada um tem como subdivisões as regiões (Sudeste, Sul, Nordeste, Centro-Oeste e Norte, no caso do Brasil) e os continentes (Europa, Ásia, África e América). Todos valorizam a riqueza cultural, as tradições, os costumes, as matérias-primas e os produtos típicos destas representações geográficas e origens.

Uma praça central, denominada *Praça do Povo*, será o principal ponto de encontro do Pavilhão. Ali, a Providência conta com diversas apresentações que refletem o espírito de brasilidade e de internacionalidade do evento.

A Feira conta também com o *Mercado de Importados* onde produtos de diversos países estão concentrados em um único local. São quase 1.000 itens importados a preços irresistíveis, entre rótulos de cervejas, vinhos,

chocolates, azeites, massas, biscoitos, conservas, orgânicos, panetones, artigos para casa e muito mais.

Completam o evento a *Vila Natalina*, onde stands de artigos de Natal e decoração temática são algumas das atrações, e a *Área Kids*, um espaço lúdico para histórias, descobertas e muita aventura.

SERVIÇO:

60ª Feira da Providência

Local: Riocentro

Data: 16 a 19/12

Horário: das 12h às 22h

Endereço: Avenida Salvador Allende, 6555
Barra da Tijuca, Rio de Janeiro/RJ

Classificação Etária: Livre

Mais informações em

<https://www.feiradaprovidencia.org.br/>

Fotos: Junior Almeida / Agencia Uva Barra





Foto: Divulgação

Durante dez dias, de 3 a 12 desse mês, o Riocentro sedia a *Bienal do Livro Rio 2021*

A festa é da cultura, da literatura e da educação. Nos espaços dedicados às atrações, o público pode participar de debates, bate-papos com personalidades e escritores, além das atividades culturais que promovem a leitura

PROGRAMAÇÃO – PAVILHÃO AZUL – ESTAÇÃO PLURAL

Sexta, Dia 3 | 17:00h

Para seguir em frente

Convidados: Allan Dias Castro, Bráulio Bessa e Priscilla Alcantara
Mediador: Pedro Alvarenga

Sábado, Dia 4 | 11:00h

As desigualdades e as elites no Brasil

Convidados: Jessé Souza, Luana Génot e Muniz Sodré (online)
Mediador: Ruan de Sousa Gabriel

13:00h

Acadêmicos pós-pandêmicos

Convidados: Geraldo Carneiro, Rosiska Darcy de Oliveira, Zuenir Ventura, Antonio Cicero e Antônio Torres
Mediadora: Bia Correa do Lago

15h

Em todas as mídias

Convidados: Thalita Rebouças, Vitor Kley e Paula Pimenta (online)
Mediadora: Leticia Pires

17h

FLUP – Da periferia para o centro. Do centro para a periferia

Convidados: Yasmin Thayná, Rodrigo Santos, Jesse Andarilho e Monique Nix
Mediadoras: Ana Maria Machado e Heloisa Buarque de Holanda

19h

Lulu em traço e verso: 40 anos de carreira

Convidados: Lulu Santos
Mediador: Marcelo Cosme

Domingo, Dia 5 | 11h

Jornalismo e democracia sob ataque

Convidados: Míriam Leitão, Patricia Campos Mello (online) e Bruno Torturra
Mediadora: Paula Cesarino Costa

13h

Fantasia e tormenta

Convidados: Karen Soarelle, Raphael Draccon (online), Leonel Caldela e André Vianco
Mediador: Guilherme Dei Svaldi

15h

Horror nosso de cada dia

Convidados: Mariana Enriquez, Matt Ruff e Josh Malerman (todos online)
Mediadores: Mariana Jaspe e Dennison Ramalho

17h

Ficção e realidade no crime

Convidados: Raphael Montes e Ivan Mizanuk
Mediadoras: Mabê Bonafé e Carol Moreira



Fotos: Divulgação





Estação Plural

Foto: Divulgação

19h

Amazônia: um olhar dentro da floresta

Convidados: Monica Gagliano (online), Rita Carelli, Eliane Brum (online) e André Fernando Baniwa
Mediador: Estevão Ciavatta

Segunda, Dia 6 | 10h

O mestre do mangá

Convidados: Junji Ito (online)
Mediadoras: Miriam Castro (Mikannn) e Kika Hamaoui

15:00h

Sala black power (Sessão Expositor – Mostarda)

Convidados: Júlio Emílio Braz
Mediadora: Majori Silva

17h

Nem tão esotérico assim

Convidados: A Bruxa Preta (Pam Ribeiro), Houhou (Veronica Alves) e Claudia Lisboa
Mediadora: Ana Paula Lisboa

19h

América

Convidados: Taísa Machado, Rodrigo França e Tamires Coutinho
Mediadora: Ana Paula Lisboa

Terça, Dia 7 | 11:00h

O desenvolvimento de histórias de romance em livros de fantasia (Sessão Expositor – Record)

Convidada: V.E. Schwab (online)
Mediadora: Giu Domingues

15h

Pop é romance de época

Convidados: Paola Aleksandra, Babi A. Sette, Julia Quinn e Beverly Jenkis (online)
Mediadora: Frini Georgakapoulos

17h

Ainda sobre o futuro

Convidados: Pretinhas Leitoras (Helena Ferreira & Duda Ferreira), Luiz Antonio Simas e Teresa Cristina
Mediadora: Ana Paula Lisboa

19h

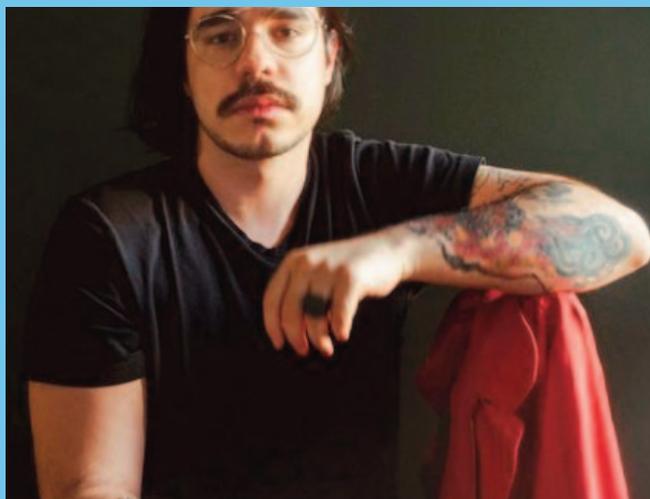
Como vai sua cabeça? Os desafios da saúde mental neste momento de pandemia

Convidados: Christian Dunker e Geni Núñez (online) e Julia Rocha
Mediadora: Fátima Sá

Quarta, Dia 8 | 15:00h

Os desafios de nos tornarmos quem somos (Sessão Expositor – Intrínseca)

Convidadas: Jenna Evans Welch e Tracy Deonn (online)
Mediadora: Clara Savelli



Alguns dos participantes já confirmados para a Bienal do Livro Rio 2021: Akapoeta e Antonio Fagundes Fotos: Divulgação

17h

Política é pop

Convidados: Gabriela Prioli, Vítor Dicastro e Bielo Pereira
Mediadora: Claudia Sardinha

19h

Fé e juventude

Convidados: Pedro Siqueira, Yalorixá Luana de Oyá, Pastor Henrique Vieira (a definir) e Rabino Lucca Myara (a definir)
Mediador: Pedro Alvarenga

Quinta, Dia 9 | 17h

Estantes virtuais: indicações dos booktokers e booktubers nas listas de sucesso

Convidados: Casey McQuiston (online – participação especial), Tiago Valente, Wlange Keindé e Nanna Sanches
Mediador: Frini Georgakopoulos

19h

Os novos rumos da literatura LGBTQIAP+ Young adult

Convidados: Clara Alves, Elayne Baeta, Juan Jullian, Pedro Rhuas e Deko Lipe
Mediador: Felipe Cabral

Sexta, Dia 10 | 11h

Eu posso escrever – o percurso entre o desejo de contar uma história e sua publicação

Convidados: Aline Bei, Stênio Gardel, Cristiane Sobral e Binho Cultura
Mediador: Marcelino Freire

13h

Ancestralidade e memória nas letras presentes

Convidados: Leda Maria Martins, Graciela Guarani (online), Fabiana Cozza e Nei Lopes
Mediadora: Eliana Alves Cruz

15h

De repente, uma criança na minha vida

Convidados: Christian Figueiredo, Tati Bernardi e Leo Aversa
Mediadora: Maíra Oliveira

17h

Poesia para re(existir)

Convidados: Luciene Nascimento, Jarid Arraes e Akapoeta
Mediador: Gabriela Gomes

19h

Futuros imaginados

Convidados: Alê Santos e Aza Njeri
Mediador: Marton Olympio

Sábado, Dia 11 | 11h

O bem-viver

Convidados: Ana Claudia Quintana Arantes, Ana Michelle Soares e Fabricio Carpinejar
Mediadora: Rosane Svartman

13h

A construção do feminino

Convidadas: Bruna Maia, Jaqueline Vargas, Ana Paula Araujo e Luh Maza
 Mediadora: Cristiane Costa

17h

Ela – Carolina Maria de Jesus

Convidados: Eliana Alves Cruz, Vera Eunice de Jesus, Fernanda Felisberto e Jeferson De
 Mediadora: Daniele Salles

19h

Histórias para acordar um país de seus sonhos injustos

Convidados: Itamar Vieira Junior, Conceição Evaristo (online), Cyria Coentro e Dani Ornelas
 Mediadora: Rosane Borges

Domingo, Dia 12 | 11h

Eu amo ler

Convidados: Lua Oliveira, Otávio Júnior e Antonio Fagundes
 Mediador: Paulo Halm

15h

“Invisíveis:?”

Convidados: Caco Barcellos (a definir) Juliano Spyer, Rene Silva e Erika Hilton
 Mediador: Edu Carvalho

17h

O amor e outros percalços

Convidados: Igor Pires, Renato Nogueira, Krishna e Natalia Timerman
 Mediadora: Renata Correa

19h

Vozes LGBTQIAP+: o que vem pela frente?

Convidados: Amiel Vieira, Renan Quinalha, Leticia Nascimento, Samuel Gomes e Natalia Borges Polessso
 Mediador: Felipe Cabral

Mais informações em www.bienaldolivro.com.br/evento-2021/

Alguns dos participantes já confirmados para a Bienal do Livro Rio 2021, de cima para baixo: Renato Nogueira, Julia Quinn e Ailton Krenak

Fotos: Divulgação



3106058

85.5/2

45.56

3071

1841

CRUEL

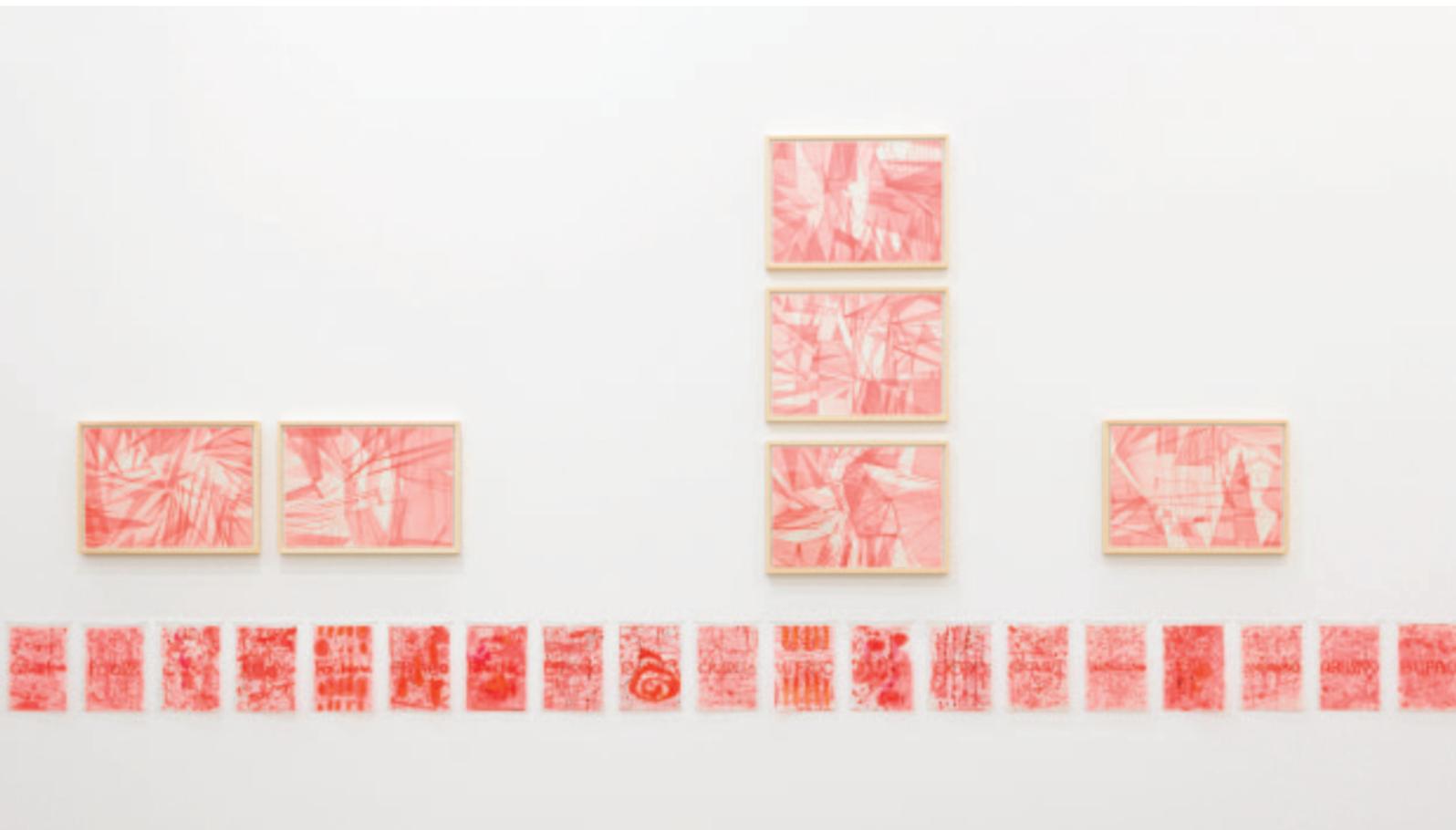
1443

150

271

“QUE NOSSO NOME NÃO CAIA NO ESQUECIMENTO”

Primeira individual de Renato Bezerra de Mello na galeria Anita Schwartz, Rio de Janeiro, exibe a potência da delicadeza para evidenciar um Brasil manchado de sangue



cruel a quem apraz derramar sangue, causar dor, cruento **abusivo** censurável, inadequado ou indecoroso **reacionário** contrário, hostil à democracia, antidemocrático **fascista** ultranacionalista, autoritário, ditatorial **soez** barato, sem nenhum valor, desprezível, reles, vulgar **charlatão** impostor, trapaceiro, falso, embusteiro, enganador, mistificador, vigarista **bufão** ridículo, inoportuno, indelicado **desnecessário** inútil, supérfluo, dispensável, escusado

malandro aquele que não trabalha, que lança mão de recursos condenáveis, para viver; vadio **abjeto** desprezível, baixo, ignóbil **perverso** que tem má índole, que tem tendência a praticar crueldades **frouxo** tíbio, repleto de covardia, medroso, impotente **obtusos** sem inteligência, rude, bronco, estúpido **sádico** indivíduo que sente prazer com o sofrimento alheio **asqueroso** que causa nojo, asco; repugnante, ascoso, que tem conduta condenável; sórdido, ignóbil **Vil** que tem pouco valor, não presta; reles, ordinário **pusilânime** que revela fraqueza moral, covarde, medroso, fraco **mentecapto** que ou quem é mentalmente desordenado, que ou quem perdeu o juízo, o uso da razão, alienado, louco

pesto mórbido, funesto, fedorento **viperino** análogo ou semelhante à víbora, venenoso, peçonhento **Labrusco** que ou aquele que é inculto, aspero, grosseiro, agressivo **embusteiro** que ou o que se vale de embustes, logros, mentiras, impostor **tolerão** que ou aquele que é muito tolo, pateta, palerma

AzucRim impertinente, maçante, chefe dos demônios, satanás



Indiozinho, da série *Primeiros Bordados*

Foto: Betina Zalberg

Bianca Bernardo*

No princípio, não existia a América. Sempre fomos muitos, diversos, imensos. Quando chegaram os exploradores, logo redigiram cartas e livros contando que haviam feito uma grande descoberta e que conquistaram uma “ilha” no meio do oceano Atlântico. Das perversas ironias que nos rodeiam desde o início dos tempos modernos, uma delas diz respeito ao próprio nome escolhido para renomear a terra sequestrada.

Marcando como uma cicatriz profunda, da alcinha de vergonhosa exploração, surge o nome de um país Brasil. Um passado ferido que fere como brasa ardente

aos olhos dos guardiões da floresta e que continua seu rastro de destruição, expropriação e desmatamento, não se perguntando quando é o tempo de parar, porque nunca deveria ter acontecido. Mas os olhos dos guardiões da floresta nunca deixaram de arder.

Na exposição *“Que nosso nome não caia no esquecimento”*, primeira individual de Renato Bezerra de Mello na galeria Anita Schwartz, o artista enfrenta com sensibilidade a difícil tarefa de olhar para o seu tempo através dos prismas que contam a história da violência que, há mais de cinco séculos, silencia vidas e culturas

em resistência. Renato impregna, então, a exposição com a cor vermelha para evidenciar um Brasil manchado pelo sangue e pela brutalidade constante das formas de ganância, de injustiça social, do preconceito e da intolerância.

O desejo por investigar a noção de uma abordagem da hospitalidade como acolhimento do outro, a partir do reconhecimento do estrangeiro que reside em si mesmo, é um dos apontamentos abissais da obra *“Não somos um, somos vários”*. A compreensão de que a hospitalidade se faz entre relações paradoxais da con-

vivialidade com as alteridades expande os sentidos de uma ideia fantasiosa da mesma como acolhimento dócil e absoluto. A importância da percepção do gesto da hospitalidade, como explica Alain Montandon, consiste, antes de tudo, em afastar uma hostilidade latente na visão que se faz do hóspede/estrangeiro.

Na composição da obra, o artista se apropria de antigos cartões de visita fabricados para os seus pais e imprime em seu dorso os nomes de mais de 1.100 povos indígenas. O mapa do Brasil é refeito no espectro memorial do seu território original, conforme listagem de pesquisa

Não somos um, somos vários

Foto: Gabriel Marigo



Detalhe

Foto: Wilton Montenegro





Alvos da violência

Foto: Gabriel Marigo

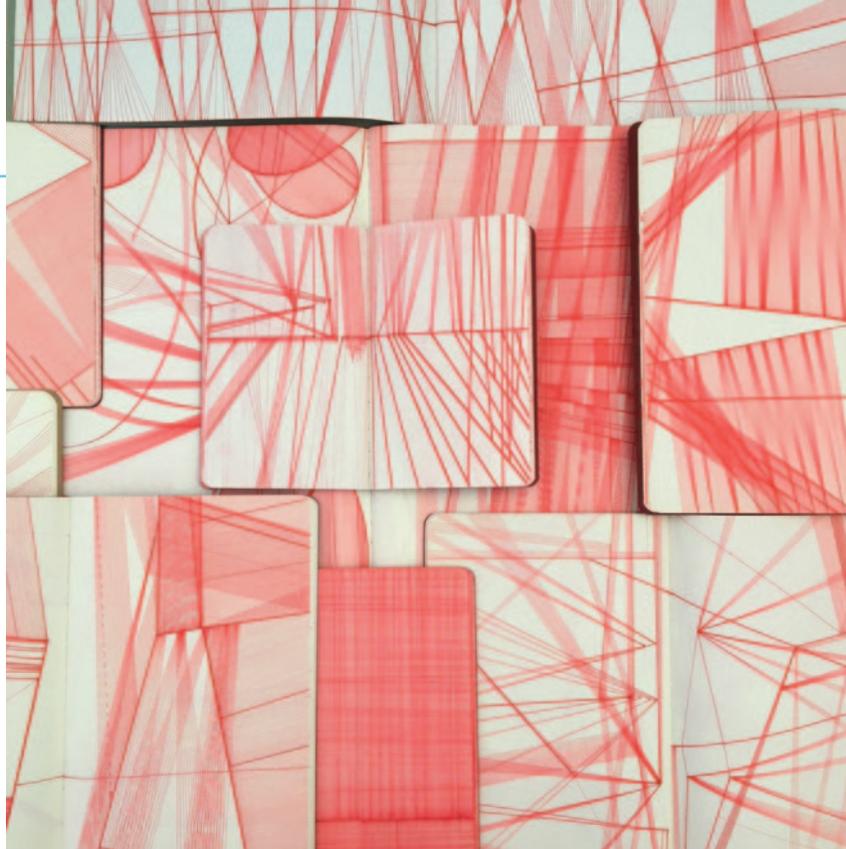
do Museu do Índio do ano de 1998, no qual confrontamos os horrores do etnocídio no impacto do projeto colonial. A luta é contínua contra os movimentos de exclusão do Estado – sejamos compreendidos como pobres, marginais, sem teto, sem terra, refugiados ou indígenas, seguidamente somos a representação de uma ameaça por não fazermos parte da coerência dos modos de funcionamento do capitalismo.

A inquietação de Renato diante da atual crescente banalidade das ameaças de morte no Brasil transformam-se em desenhos abstratos e simbólicos, linhas, manchas e garatujas. Na exposição, um caderno sem costura está pousado sobre a mesa, na qual pode-se perceber mandalas vermelhas, em diferentes tamanhos, produzidas traço a traço, folha por folha. *"Alvos da Violência"* é uma obra que representa a memória de cada uma das mortes por armas de fogo no Brasil, ano a ano,

segundo os dados oficiais do Mapa da Violência, disponibilizados publicamente desde 1980.

Em *"Cadernos do Confinamento"*, o artista dedicou-se a desenhar em pequenos cadernos os sentimentos de desassossego diante da pandemia do Covid-19, recorrendo ao universo das inscrições para traduzir em gestos o medo e a tristeza vividos coletivamente desde o primeiro decreto de distanciamento social e *lockdown*.

Em paralelo, Renato continuou a desenvolver a série *"A História explica, mas não justifica"*, iniciada em 2020. Na galeria, um conjunto de 91 desenhos são dispostos como a barra vermelha dos noticiários de jornalismo que, ao longo dos últimos quase dois anos, apresentaram diariamente o incontrolável número de mortes pelo Coronavírus.



Cadernos do Confinamento

Foto: Divulgação

Após apuração das investigações, é revelada a confirmação do grande descaso e incompetência do governo em lidar com a pandemia no Brasil, o que trouxe um sobrepeso de revolta e indignação ao inenarrável sentimento de luto por todas as vidas perdidas e às milhares de mortes que poderiam ter sido evitadas. Diante do desespero e do pranto comum, Renato verborragia os gritos e as palavras de levante, entoadas em coro nas ruas, no íntimo da existência, desde as janelas.

Não há modo de romantizar a violência sangrenta do dia que se fez noite eterna. Vamos buscando, como Renato, práticas de cura e cuidado, entre fabulações e processos de transmutação através da arte, atravessando as opressões e o adoecimento pelo cultivo ancestral dos modos de viver em liberdade. Seguimos assim a travessia, imaginando e sonhando futuros possíveis, adiando o fim do mundo por mais um dia.

* Bianca Bernardo é curadora independente, gestora cultural e artista-educadora. Mestre em Arte Contemporânea (PPGARTES/UERJ) e bacharel em Artes Visuais, envolve-se com projetos sócio-educativos em instituições culturais desde 2010.

O ARTISTA

Renato Bezerra de Mello – Recife (PE), 1960. Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Suas obras estão nas coleções: MAR, Brasil; MOLAA, EUA; CCBN, Brasil; CNAP, França; Fundaj, Brasil.

SERVIÇO

Renato Bezerra de Mello

Que nosso nome não caia no esquecimento

Até 22 de janeiro de 2022

Anita Schwartz Galeria de Arte

R. José Roberto Macedo Soares, 30 - Gávea/RJ

Telefone: (21) 2274-3873

De segunda a sexta, das 10h às 19h.

Sábados, das 12h às 18h.



VILNIUS, UMA CAPITAL ANTIGA
COM GOSTO DE NOVIDADE

A beldade barroca dos Bálticos, embora pouco conhecida, reserva agradáveis surpresas

Texto e fotos: Antonella Kann

www.antonellakann.com

antonellak1954@gmail.com

Na página anterior: Torre de Gediminas; nesta página: vista de Vilnius do avião



Planejar uma viagem para algum país do nordeste da Europa, no mês de dezembro, é capaz de causar calafrios em um bocado de gente. Pudera: é fato que as temperaturas despencam com mais vontade nessas regiões a partir do final do ano, se comparadas com outras onde o outono costuma ser condescendente e sustenta os dois dígitos no termômetro até mesmo próximo ao Natal. Mas o viajante entusiasta não vai se deixar intimidar por alguns graus negativos. Pelo contrário, enaltece a oportunidade de dar uma fugidinha de quatro ou cinco dias na baixa estação para um dos mais belos ícones bálticos: Vilnius, capital da Lituânia e Patrimônio da Humanidade, que se revela como uma verdadeira caixinha de (boas) surpresas. No voo, lembre-se de reservar um assento na janela, pois o cenário feérico da paisagem acarpitada de branco começa a despontar minutos antes da aterrissagem.

Ao desembarcar, o primeiro impacto é com o clima bem geladinho, que só dá para enfrentar com muitos agasalhos, gorro e luvas. Por outro lado, isso é compensado com a calorosa acolhida do povo lituânio, e a



Igreja de st. Casimir Foto: Pito / Tripadvisor

chance de explorar um recanto da Europa que tem se mantido por um bom tempo alheio à vontade de alardear as suas virtudes mundo afora. Acobertada pelo anonimato, manteve a sua personalidade genuína. Além, é claro, das doses generosas do reconfortante chocolate quente, que deveria ser rotulado como a bebida nacional em tempos de frio.

O turista tem ainda outra agradável sensação que o deixa logo à vontade na bela cidade embranquecida, que é a de não ter dificuldade alguma em se comunicar com aquela gente afável, sorridente e, sobretudo, de uma amabilidade contagiosa. Todo mundo fala inglês, o melhor meio de locomoção são os seus pés e você não encontra dificuldade alguma em se orientar pelo centro histórico da cidade – até porque ele é do tamanho de um ovo, e lá estão concentradas as maiores atrações de Vilnius.

Usufruir do seu magnífico centro histórico é um privilégio alinhavado por ruelas estreitas de paralelepípedos, becos, casarões antigos, monumentos,



Catedral

pontes, um castelo e... igrejas. Nada menos do que 45, isso só naquele perímetro antigo. Basta olhar para cima e para qualquer lado que logo se avista uma torre – ou duas, ou três... As igrejas de St. Casimir, patrono da cidade, e a de St. Anne, são as mais frequentadas pelos visitantes, assim como a imponente Catedral – cujo estilo de origem gótica se converteu em barroco e hoje é clássico. Surpreende bastante a sua decoração interna, austera e sóbria, com pouca luminosidade.

Durante o mês de dezembro, Vilnius vira palco de um dos eventos mais prestigiados da Lituânia: a Feira de Natal. Erguida em volta de um pinheiro gigante estruturado na movimentada Praça da Catedral, é composta por dezenas de barraquinhas onde não falta nem neve, nem o Papai Noel posando para fotos. São cosméticos, velas, roupas infantis, adornos, casacos e agasalhos, gorros, bonés, luvas, xales, comidas típicas como sopa no pão e muito chocolate quente, tudo exposto em tabuleiros, prateleiras ou pendurados por todos os cantos.

Como só faz acima de 20°C durante poucos meses – julho e agosto – a vida dos habitantes da Lituânia gira mesmo *indoors*, e o turista se habitua rapidamente ao conceito de que todas as ruas, becos e ruelas levam a restaurantes simpáticos, chocolaterias e tavernas, a maioria encravada em construções centenárias, muitas cujo design medieval se traduz num pé direito baixo e com arcadas por todo lado. Isso torna qualquer ambiente intimista, misterioso e sobretudo aconchegante.

É gastando a sola dos sapatos pelo centro antigo que o turista descobre caminhos que levam a endereços cu-

riosos como a Literati st., uma minúscula alameda onde dezenas de artistas locais expõem as suas obras num mural ao ar livre; ou o distrito de Uzupis, uma singular comunidade artística dentro do perímetro urbano no qual seus moradores, em 1º de abril de 1998, se autodeclararam como república independente. Eles possuem bandeira própria, constituição e até presidente. Virou ritual a cada ano, naquela data, a necessidade de levar passaporte para atravessar as “fronteiras” que ligam este bairro ao centro histórico. Nem que seja para indagar como você foi parar num destino tão longínquo e frio como Vilnius!

Feira de Natal e Torre do Campanário



Sopa no pão





Antagonist Art Hotel



Restaurante Stikliai

ONDE FICAR

Stikliai Hotel

No idioma lituânio, o nome significa “soprador de vidro”. Único *Relais&Châteaux* da Lituânia, este gracioso hotel, composto por quatro edificações antigas, tem uma localização privilegiada no bairro onde durante os séculos XVII a XIX esses artesãos mantinham os seus ateliês. Também fica a poucos minutos a pé de todas as atrações do centro histórico, entre elas a Pilies str., a Catedral e a universidade.

www.relais.com/stikliai | stikliai@relaischateaux.com

Gaono Str. 7 – Tel. +370 5 264 9595

Artagonist Art Hotel

É o mais recente hotel 4 estrelas inaugurado na cidade. O empreendimento manteve a fachada antiga

mas inovou completamente a parte interna, com gigantescas e ousadas ilustrações pintadas no lobby e a disposição singular das acomodações, que se debruçam sobre o lounge.

www.artagonist.lt | hotel@artagonist.lt

Pilies St. 34 – Tel +370 5 2430000

ONDE COMER

Restaurante Stikliai

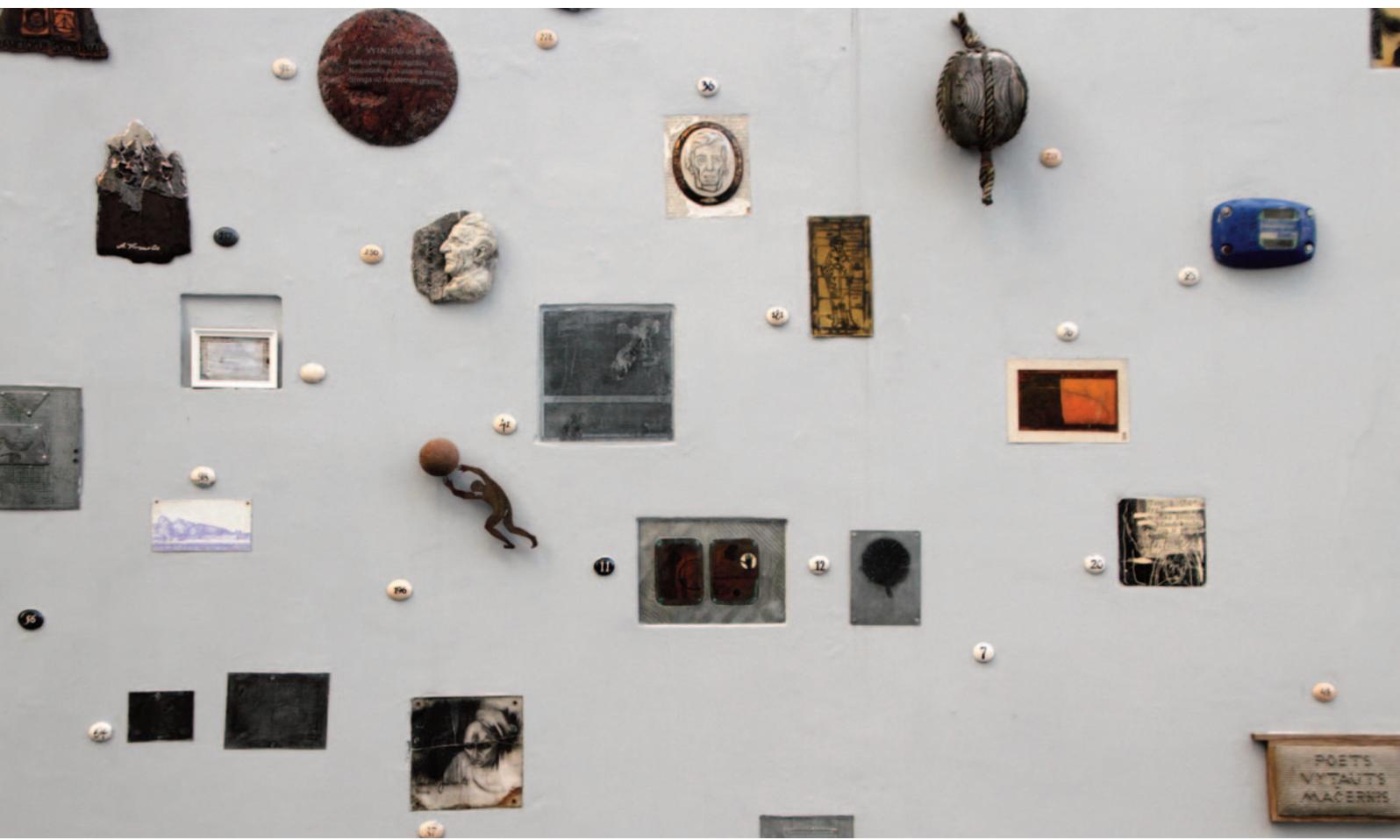
O décor rivaliza com um salão de baile, num ambiente glamoroso onde outrora era o pátio. O teto é feito de vidro e deixa entrar muita luminosidade. No elaborado cardápio do hotel Stikliai, as receitas foram sofisticadas com ingredientes internacionais e essas pitadas influenciaram na confecção dos pratos. Nessa cozinha é costume receber *chefs* de outras nações para ministrar

curso. O resultado? Criatividade e sabor diferenciado.
Gaono Str. 7 – Tel. +370 5 264 9595

Forto D Varas

Essa movimentada taverna, de aspecto cavernoso, atrai muito os visitantes estrangeiros, pois oferece uma variedade de pratos tradicionais, e a clientela é servida por bonitas atendentes vestidas à caráter com o colorido traje lituânio. As especialidades gastronômicas vão desde a sopa no pão a uns bolinhos feitos de batata ralada recheadas com carne picada, cogumelos e bacon, chamados de *cepelinai*. São fervidos e servi-

Literati st.





dos com um molho de creme ácido. É um prato bem popular e faz sucesso entre os locais e os turistas.

Pilies str.16 – fortovaras.lt

O QUE FAZER

Caminhadas e o Castelo de Gediminas

Ruelas e becos, pontes e parques: onde quer que vá, toda a parte antiga se explora a pé, e assim se degusta cada pedacinho de história que está ocultado nas pedras milenares das construções góticas, barrocas, renascentistas... Um passeio obrigatório, a qualquer época do ano, é caminhar até alguns dos monumentos icônicos que se erguem acima de colinas, como o Three Crosses (Três Cruzes) e a torre do castelo de Gediminas. Lá de cima, o panorama se debruça sobre toda a cidade.

Subir na torre do Campanário e a Catedral

Na praça da Catedral se ergue um belíssimo monumento branco, o Campanário. São mais de 100 degraus – alguns em madeira, outros em pedra – que é preciso galgar para alcançar o topo dessa torre, que se encontra a 52 metros de altura. Lá de cima, a vista sobre o centro histórico é impressionante. No interior, ainda sobram relíquias como o antigo relógio da cidade e uma coleção de sinos.

Visitar igrejas, um ritual de praxe

O povo lituânio é católico e muito religioso. Só no centro histórico, são mais de 45 igrejas, uma mais elaborada e diferente do que a outra. Basta erguer a cabeça para avistar uma torre e, ao longo do dia (e da noite), são frequentes as badaladas dos sinos anunciando a hora de quinze em quinze minutos. Não se dobra uma esquina sem se deparar com um monumento eclesiástico, mas são os estilos arquitetônicos variados que atiçam a curiosidade.

COMPRAS

Os adereços confeccionados com âmbar e os artefatos em linho são os campeões de venda. Lojinhas espalhadas pela cidade têm um leque de produtos para agradar a todos os bolsos e gostos. Além disso, designers locais demonstram seus talentos em pequenas boutiques e feirinhas ao ar livre, onde também exibem lembrancinhas típicas da cultura lituânia. Quem gosta de produtos orgânicos vai encontrar de tudo na Baroca (Sv. Mykoleg, 14): roupa para crianças, acessórios, sabonetes, xales, chás e chocolates.

As “Ousadias cromáticas” de Eduardo Sued



Eduardo Sued, 2014
na Danielian Galeria
Foto: Jaime Acioli

O celebrado artista de 96 anos ganha dupla mostra simultânea, na Danielian Galeria e Cassia Bomeny Galeria. Ambas exibem um conjunto importante de obras inéditas, produzidas entre 1989 e 2020, escolhidas no ateliê de Sued em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro. Além de pinturas, serão expostas experiências tridimensionais feitas em diferentes suportes e materiais que o artista chama de “pintura-relevo”, onde há a junção da tela com tocos de madeira

Aos 96 completados em 10 de junho, o artista continua ativo, trabalhando diariamente em seu ateliê, em Jacarepaguá. A curadora Vanda Klabin, que acompanha sua trajetória desde os anos 1980, selecionou os trabalhos expostos simultaneamente nas duas galerias, e escreveu o texto crítico que acompanha a dupla mostra.

Na Danielian Galeria estão obras dos anos 1980, período que Sued desenvolveu “uma orquestração de

áreas negras, com vibrantes faixas coloridas divididas em segmentos desiguais”, explica a curadora.

Na Cassia Bomeny Galeria, esclarece Vanda Klabin, concentram-se “os vastos cinzas e pratas, que trazem uma luminosidade diferente, um contraste sutil com essas tonalidades e uma identidade cromática própria com seu valor luminoso”.

Eduardo Sued, 2006 na Danielian Galeria

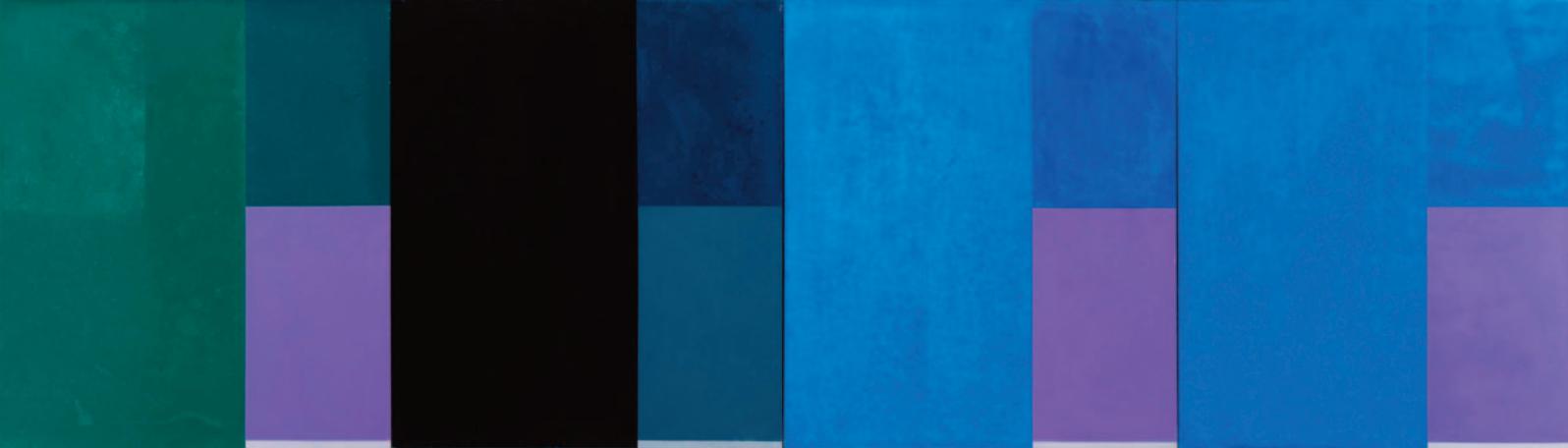
Foto: Jaime Acioli



Eduardo Sued, 2003 na Cassia Bomeny Galeria

Foto: Jaime Acioli





Eduardo Sued, 1982 na Danielian Galeria

Foto: Jaime Acioli

EDUARDO SUED POR VANDA KLABIN

A pintura de Eduardo Sued ocupa, na história da pintura brasileira contemporânea, uma posição singular, tanto pelo requinte cromático quanto pela extrema complexidade formal. A produção sistemática e intensa do artista, com o passar do tempo, foi configurando um campo pictórico autônomo, marcado pela disciplina estrita da pintura e pelo espírito de pesquisa permanente.

Sued nasceu no Rio de Janeiro, em 1925, filho de imigrantes sírios da cidade de Homs, situada a nordeste de Damasco. Estudou na Escola Nacional de Engenharia, no Rio de Janeiro, e abandonou a faculdade no terceiro período para total dedicação às artes plásticas. Contrário às rígidas regras tradicionais e acadêmicas, preferiu frequentar as atividades dos cursos livres. Estudou pintura e desenho com o pintor alemão Henrique Boese em 1949. Nos anos 1950, trabalhou como desenhista no escritório de Oscar Niemeyer; o artista sempre menciona que a matemática o permitiu cultivar, desde o início, a clareza do pensar e a disciplina na precisão do fazer.

Em seguida, viajou para Paris, lá frequentou a *Académie Julian* e a *Académie de la Grande Chaumière*,

onde havia a predominância da Escola de Paris e estavam em curso as principais vertentes do cubismo — o epicentro da pintura moderna. Em 1953, retornou ao Rio de Janeiro, alinhado com as poéticas de fragmentação cubista picassianas e com os valores plásticos modernos, adquiridos durante a sua estada europeia. Estudou gravura em metal com Iberê Camargo, um trabalho minucioso e quase artesanal; aprendeu várias técnicas importantes para a sua formação profissional. Passou a produzir gravuras conhecidas como águas-tintas, com cores justapostas em tonalidades suaves, realizadas sobre superfícies granuladas do metal.

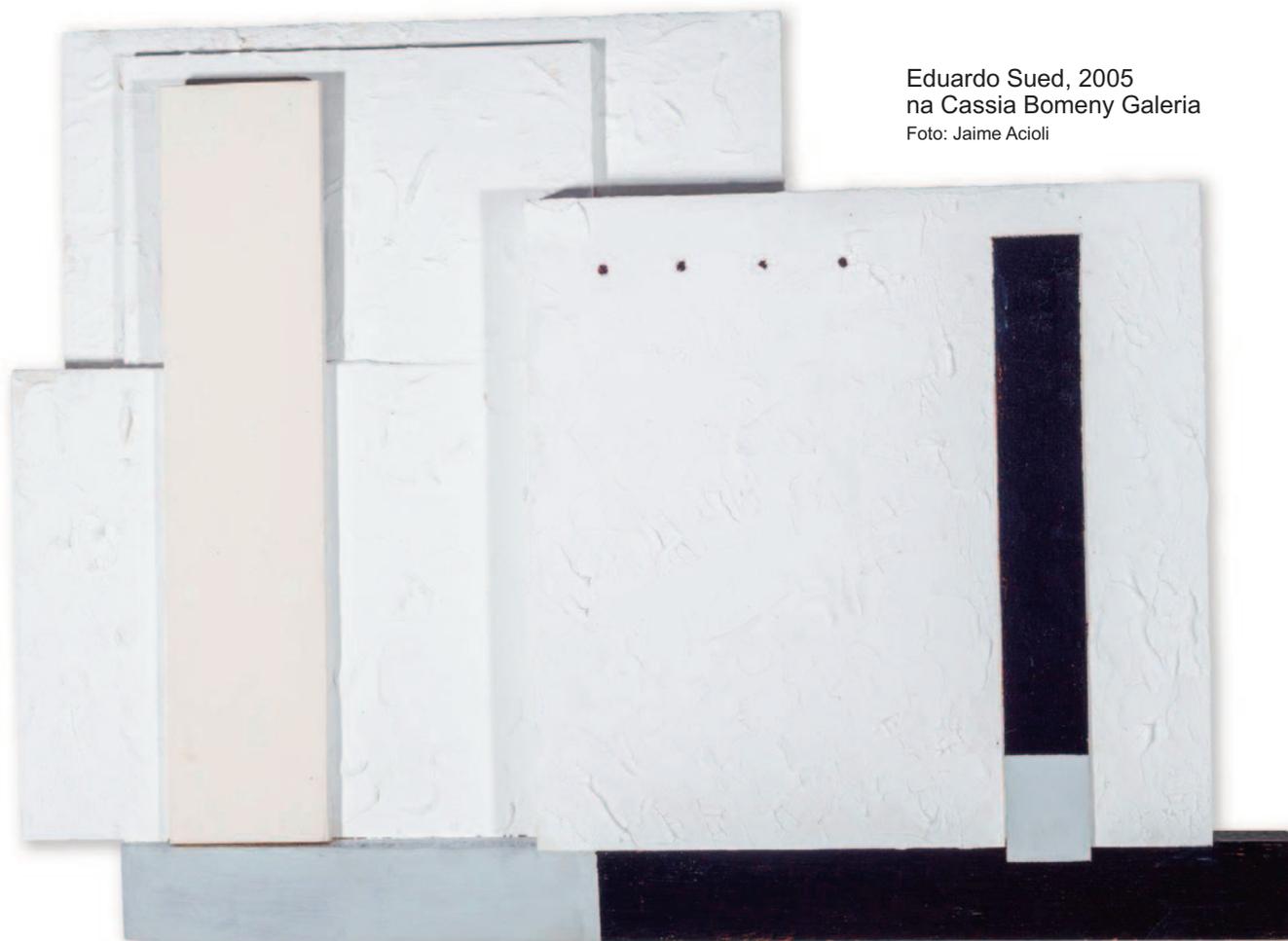
Sued segue o seu caminho, sem se filiar jamais a nenhum movimento ou programas estéticos, mantendo-se independente e distante das discussões entre figurativos e abstratos e/ou das dissidências entre concretos paulistas.

Nos anos 1980, surgem novos elementos em seu trabalho. A base da tela rompe o contorno da totalidade da superfície e pulveriza o espaço construído pela forma do quadrado. Uma espécie de “rodapé pictórico”, no qual as diferenciadas zonas cromáticas são divididas em segmentos desiguais, que interrompem a extensão contínua das cores. Em suas palavras: “a base

rompe o contorno do quadro, faz com que ele deixe de ser só um quadrado”.

No seu pensamento plástico, o ato de pintar tem uma intensa relação com a música. Não trabalha apenas com os olhos, mas com os ouvidos para escutar as exigências das telas. Sued busca harmonizar coisas que não se harmonizam; cores que não se irmanam. O artista parece estar sempre provocando novas situações, assim como as dissonâncias musicais, sendo um ouvinte da música de Arnold Schönberg, Alban Berg e Anton Webern.

O legado do pensamento construtivo está presente no seu pensamento estético assim como o caráter inquieto dos planos indeterminados e descontínuos cézarianos, as cores decididas e saturadas matisseanas, as fragmentações cubistas picassianas, a ordenação clara e ortogonal da estrutura neoplástica de Mondrian. A obra de Paul Klee teve uma enorme importância para o seu trabalho e é considerado um ponto seminal para o desenvolvimento das colagens, que passam a estar presentes em suas obras a partir dos anos 1970. Em 1974, realizou uma exposição na Galeria Luiz Buarque de Hollanda e Paulo Bittencourt, no Rio de Janeiro, com



Eduardo Sued, 2005
na Cassia Bomeny Galeria
Foto: Jaime Acioli

trabalhos em que as colagens estavam presentes e grandes áreas de cor, agora de visualidade plena.

Até os anos 1980, o comportamento do pincel não aparecia na estrutura das telas, que apresentavam diversas tonalidades de cor, com modulações bem ordenadas, porém lisas. Em 1982, na exposição de Eduardo Sued no Museu de Arte Moderna, no Rio de Janeiro, foram apresentadas diversas telas com novas soluções, agora uma palheta com intensas vibrações coloridas e pinceladas oblíquas.

Na década de 1990 suas obras apresentam outros dilemas, com as pinceladas espessas e descontínuas, uma nova oposição à superfície planar, adquirindo maior complexidade com o acréscimo de recortes de madeira e elementos tridimensionais, como um questionamento dos limites da pintura, contrapostos aos acúmulos de matéria.

Em 2004, realizamos uma mostra individual intitulada “Eduardo Sued: a experiência da pintura”, no Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, uma curadoria em parceria com Ronaldo Brito. A exposição deu ênfase a trabalhos, agora em formatos de grande escala, nos quais Sued agrega à sua pintura sarrafos de madeira pintada nas bordas, exaltando uma condição pública para as suas criações; houve também uma sala especial, com obras mais antigas, consideradas exemplares, sendo eleita a exposição do ano.

SERVIÇO

“Eduardo Sued – Ousadias cromáticas”

Até 15 de janeiro de 2022

Curadoria: Vanda Klabin

Entrada gratuita

Danielian Galeria

Rua Major Rubens Vaz, 414, Gávea/RJ

Segunda a sexta-feira, das 11 às 19h

contato@danielian.com.br

<https://www.danielian.com.br/>

Cassia Bomeny Galeria

Rua Garcia D’Ávila, 196, Ipanema/RJ

Segunda a sexta, das 10h às 19h

Sábados das 10h às 15h (sob agendamento pelo Whatsapp +5521.97390-5995)

contato@cassiabomeny.com.br

<https://cassiabomeny.com.br/>

Vanda Klabin é historiadora e curadora de arte.

Nasceu, vive e trabalha no Rio de Janeiro.

Eduardo Sued, 1993 na Cassia Bomeny Galeria

Foto: Jaime Acioli



Exposição de Eduardo Srur,
“NATUREZA PLÁSTICA”,
recria obras clássicas
com o uso de sacolas descartáveis



Foto: *Still* do vídeo institucional da exposição no site do artista

O artista plástico Eduardo Srur trocou as tintas e pincéis para transformar o plástico retirado do rio Pinheiros, São Paulo, em arte. O resultado está na exposição virtual “Natureza Plástica”, que traz releituras de obras-primas da pintura produzidas por meio de um trabalho minucioso realizado pelo artista durante a pandemia



Eduardo Srur, 2020, “A Grande Onda”, (após Katsushika Hokusai)
Foto: Divulgação



Eduardo Srur, 2021, “Noite Estrelada”, (após Van Gogh)
Foto: Divulgação

Conhecido pelas intervenções na paisagem urbana de São Paulo, Eduardo Srur alerta para o problema do acúmulo de plástico na natureza. Segundo o relatório *Atlas do Plástico*, publicado pela Fundação alemã Heinrich Böll, o Brasil é o quarto maior produtor de lixo plástico do mundo, com um agravante: estima-se que recicle apenas 1% dos 11 milhões de toneladas de plásticos produzidos, em média, a cada ano.

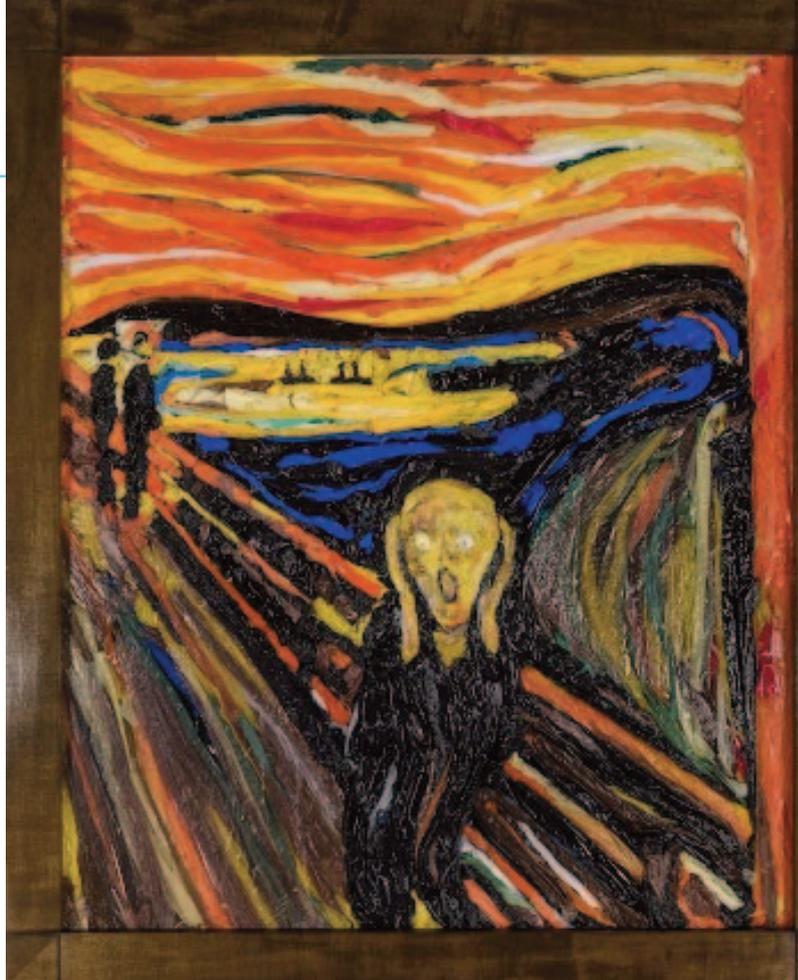
A exposição poderá ser vista no site do artista por meio do link <https://vr360.com.br/tour360/eduardosrur/naturezaplastica-pt/>.

A galeria virtual apresenta obras clássicas como “O Grito”, de Edvard Munch, e a famosa “Mona Lisa”, de Leonardo Da Vinci. Traz ainda releituras de obras de artistas consagrados, como “Chaleira com Frutas”, de

Paul Cézanne, “A Grande Onda”, de Katsushika Hokusai, “Ninféias”, de Monet e “Noite Estrelada”, de Van Gogh. Cada trabalho é acompanhado de conteúdo explicativo em áudio e texto. Todas as obras possuem o recurso *Gigafoto*, que permite explorar com mais detalhes cada pintura. A exposição pode ficar ainda mais imersiva se o apreciador tiver óculos de realidade virtual e celular, reproduzindo a sensação do passeio em uma galeria física.

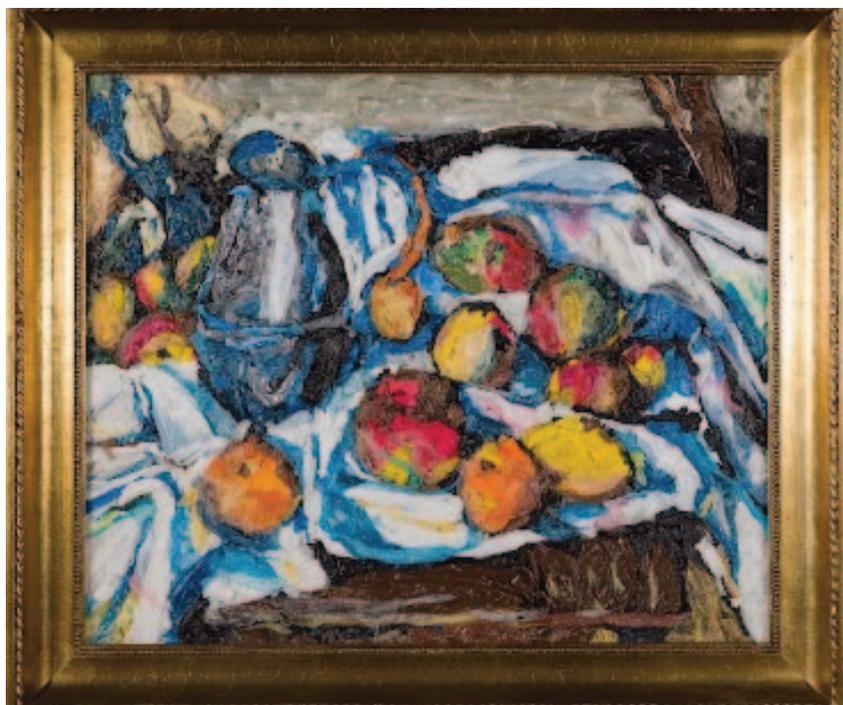
“A ideia da galeria virtual nasceu durante a pandemia, com o objetivo de ser uma ferramenta de acesso, pesquisa, entendimento e reflexão sobre a história da arte e o meio-ambiente nos dias atuais. Assim como as minhas intervenções urbanas atingem o cotidiano de milhares de pessoas na cidade, a galeria virtual alcançará lares e escolas de outros milhares de interessados. Arte boa é arte para todos”, afirma Eduardo Srur.

Patrocinada pela EDP, empresa que atua em todos os segmentos do setor elétrico brasileiro, a mostra vai ao encontro das premissas de preservação, conservação e recuperação do meio-ambiente. Para Dominic Schmal, diretor de Sustentabilidade da empresa no Brasil, “a transformação do plástico em arte nos dá uma lição da importância de



Eduardo Srur, 2021, “O Grito”, (após Edvard Munch)
Foto: Site do artista

Eduardo Srur, 2019, “Chaleira com Frutas”,
(após Paul Cézanne) Foto: Site do artista



uma economia circular e também da urgência em reduzir a poluição de mananciais”.

SOBRE O ARTISTA

Eduardo Srur vive e trabalha em São Paulo. Tem formação na Faculdade de Artes Plásticas da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP). Iniciou a carreira com a linguagem de pintura nos anos 90. No início dos anos 2000 começou a pesquisa e o uso do espaço público para desenvolver instalações com novos materiais e diferentes linguagens visuais, abrindo caminho para a produção experimental das intervenções urbanas. Artista independente, Srur trabalha em seu ateliê onde constituiu acervo pessoal ao longo da carreira que inclui séries de pinturas, esculturas, múltiplos, fotografias, aquarelas e gravuras.

O artista começou com a linguagem de pintura e se destacou nas intervenções urbanas. Suas obras se uti-

lizam do espaço público para chamar a atenção para questões ambientais e o cotidiano nas metrópoles, sempre com o objetivo de ampliar a presença da arte na sociedade e aproximá-la da vida das pessoas.

A cidade é o seu laboratório de pesquisa para a prática de experiências artísticas. O conjunto de trabalhos de Srur é uma crítica conceitual que desperta a consciência e o olhar para uma nova estética e o entendimento das artes visuais.

Realizou diversas intervenções urbanas na cidade de São Paulo e participou de exposições em muitos países, entre eles Cuba, França, Suíça, Espanha, Holanda, Inglaterra e Alemanha.

É idealizador e proprietário da *ATTACK Intervenções Urbanas*, uma empresa especializada na produção de projetos especiais no espaço urbano.



Foto: *Still* do vídeo institucional da exposição no site do artista



Foto: Divulgação

MI.STO, nova galeria no centro do Rio, apresenta até dia 18 individual de ISRAEL STOLNICKI

Os cariocas e o Centro do Rio de Janeiro ganharam uma nova opção de cultura. A abertura da galeria Mi.STO, que exhibe a exposição Variações Abstratas, segunda individual do artista plástico Israel Stolnicki, com curadoria de Paulo Venancio Filho e direção de arte de Daniel Feingold. A mostra está aberta ao público, de segunda sábado, das 11h às 18h

LOCALIZAÇÃO

O espaço está localizado em uma região histórica do Rio de Janeiro, em frente ao Fórum da cidade, uma área de fácil acesso, próximo das barcas que fazem a travessia Rio-Niterói, e das estações de transporte terrestre, além de contar com grande fluxo de pessoas do meio jurídico, acadêmico e de grandes sedes de corporações e serviços.

A Mi.STO, de forma independente e particular, tem como objetivo resgatar, valorizar e fomentar atividades culturais, a fim de revitalizar o centro histórico da

cidade do Rio de Janeiro. E na programação são oferecidos gratuitamente debates sobre cultura e arte, tardes de autógrafos para o lançamento de livros e publicações, além de visitas guiadas às exposições.

SOBRE A EXPOSIÇÃO

"Nessa exposição, a sua segunda individual, Israel Stólnicki apresenta uma seleção da sua produção pictórica mais recente. São telas em diferentes formatos que confirmam a liberdade com que assume as diversas possibilidades de abstração. Seja afirmando os elementos construtivos ou a informalidade gestual, sua pintura

Foto: Divulgação





Fotos: Divulgação

não se propõe a estabelecer nenhuma hierarquia entre essas tendências, mas transitar livremente por ambas. Essa maneira aberta de encarar a pintura é ainda potencializada pela intensa presença cromática que toma todo o espaço das telas, sejam elas de grande ou pequeno formato. É assim que essa pintura se declara: direta, franca e verdadeira", afirma o curador Paulo Venancio Filho.

Para Daniel Feingold, artista plástico e diretor de arte da galeria, *"a pintura de Israel Stolnicki vem se desdobrando em campo fértil de variações expressivas, com estruturas orgânicas e/ou ortogona-lizantes, porém sempre com base, muitas vezes imperceptível, numa subjacente e operante grade lógica de pensamento plástico".*

O crítico de arte Robert C. Morgan esclarece: *"Com Israel Stolnicki nos é dado um paradoxo plausível de que o formalismo isolado do passado pode agora ser transformado de uma maneira que traz a efervescência para uma ambivalência mais inclusiva e brilhante por um pintor que desejou vir à luz do presente".*

SERVIÇO

Israel Stolnick – “Variações Abstratas”

istolnicki.com

Mi.STO Galeria de Arte

Edifício Paço Imperial

Rua Erasmo Braga 64 - Centro, Rj

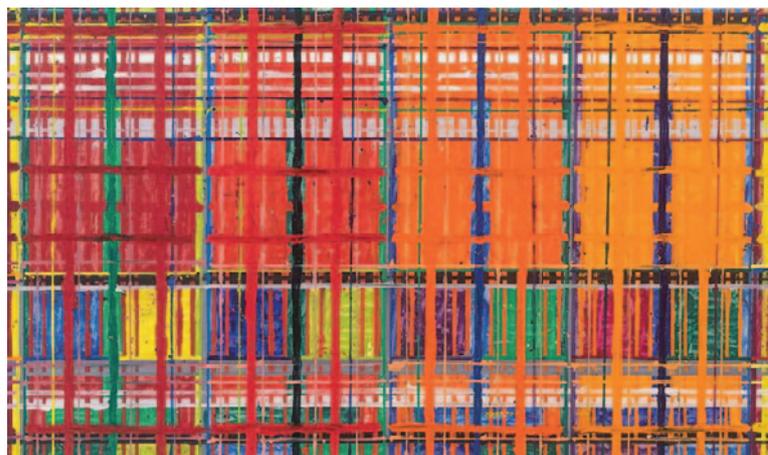
Telefones: +55 21 2544-3192 | +55 21 98285-2349

De segunda a sábado, das 11h às 18h

Site: (em construção)

Instagram / Facebook / Twitter: [@mistoespacoarte](https://www.instagram.com/mistoespacoarte)

Linkedin: Misto Espaço Arte





Rebatizada
e ampliada,
exposição
de Patrizia
D'Angello
reabre dia 4
no Museu
da
República/
RJ

Patrizia D'Angello, *Vertigem*
Foto: Divulgação

Rebatizada de “Jardim do Éden 1.2”, a exposição que esteve fechada por quase dois anos volta ampliada, com obras produzidas durante o período de isolamento, e ganha um novo significado. “A mostra – que tem curadoria de Isabel Portella – reabre impactada pelo tempo passado”, afirma a artista, que lança no dia da abertura o catálogo da primeira versão

Das 25 pinturas que integravam a exposição original, 15 permanecem e outras 13 foram acrescentadas, totalizando 28 obras. Os novos trabalhos retratam a natureza e foram produzidos no ateliê que a artista tem em casa. *“Durante a quarentena, confinada em um apartamento super urbano, totalmente apartada do ar, da água, do mato, do céu e do sol, retomei uma série de pinturas iniciadas anteriormente. Lagos e vegetação de cores fluidas, lisérgicas e tempo suspenso, uma espécie de vertigem necessária onde é possível ver discos voadores flutuando na água e nenúfares no céu. Um salvo conduto para se passar os dias monocórdicos de um eterno presente sem sucumbir a loucura”,* conta a artista.

As novas obras estão na primeira sala da exposição. *“Elas compõem uma atmosfera onírica, tal qual um banquete de pratos flutuantes ofertando a natureza em consonância com o parque do Museu da República, que adentra pelas janelas e portas. É nesse cenário que tem início a construção que se dá na segunda sala, onde os novos trabalhos corroboram e se somam à narrativa já desenvolvida no primeiro momento da exposição”,* ressalta Patrícia.



Patrícia D'Angello, *Noturno*

O conceito da mostra foi pensado a partir dos muitos banquetes realizados no Palácio do Catete, sede do Governo Federal entre 1896 e 1960, e que hoje abriga o Museu da República. Para realizar a primeira fase da exposição, a artista mergulhou no acervo do museu, em documentos relacionados ao tema, como uma bela coleção de convites e menus das muitas recepções ocorridas ali, além de fotos, vasos, pratarias, sancas e mobiliário pertencentes ao palácio, que aparecem nas obras mesclados a seu repertório poético.

“Numa narrativa bem humorada, mas repleta de sutis paralelos, Patrizia se debruça sobre os grandes temas da pintura figurativa, o retrato, a paisagem e a natureza

morta. Em seus trabalhos, procura discutir os limites do real, da mimesis e as implicações no mundo contemporâneo”, afirma a curadora Isabel Portella.

Movida por um humor dionisíaco e tendo como norte a Pop Art e a Tropicália, os trabalhos de Patrizia D’Angello estão sempre reverberando questões do feminino/feminismo. Em uma operação ambivalente de afirmação e crítica, a artista desloca sentidos e joga luz sobre a pretensa “normalidade” do patriarcado e suas práticas predatórias. *“A abordagem desse espaço tão representativo do poder, do patriarcado, da ordem vigente, se dá através do campo relegado desde sempre ao domínio das mulheres: a cozinha, a*



Patrizia D’Angello,
*Lizzie Across
the Universe*
Foto: Divulgação

mesa, a decoração, o enfeite, o bordado, o doce, o belo... Um universo, segundo essa lógica dominante, menor, secundário, fútil e frívolo, por isso mesmo entregue de bom grado às mãos que vieram pra servir”, ressalta a artista.

O pensamento crítico aparece sempre de forma sutil, quando a sobreposição do título à imagem produz um ruído desconcertante. *“O título dos trabalhos é parte indissociável da obra, pois é através do deslocamento de sentido engendrado nessa operação de nomear que desenvolvo a narrativa que me interessa explorar”,* conta Patrizia D’Angello. *“Se o feminismo, a sensualidade erótico-sensorial, o patriarcado, a exploração são questões que interessam à artista explorar, ela o faz com humor, numa crítica que expõe engrenagens perversas e desnuda atitudes machistas, sem perder a doçura”,* afirma a curadora Isabel Portella.

“Retrato mulheres insurgentes e empoderadas a debochar desse mundo constituído sob valores alheios e desfavoráveis, piqueniques, mesas, comidas, doces, vasos e ornamentos onde tudo parece estar onde deveria estar exceto pelo fato de que essa afirmação resvala numa bem humorada crítica”, diz a artista.

SOBRE A ARTISTA

Patrizia D’Angello nasceu em São Paulo, mas vive e trabalha no Rio de Janeiro. Formada em Artes Cênicas pela Uni-Rio e em Moda pela Candido Mendes, a partir de 2008, cessou todas as atividades em outras áreas

pra se dedicar exclusivamente à arte. Desde então, desenvolve uma poética que incorpora e comenta a vida em suas grandezas e pequenezas, em seus potenciais de estranhamento e em suas banalidades, espelhando e refletindo aquilo que diz respeito à vida. A artista transita pela produção de objetos, performance, fotografia, vídeo e, mais assiduamente, pela pintura. Frequentou a Escola de Artes Visuais no Parque Lage; de setembro de 2014 a março de 2015, esteve no programa de bolsa residência-intercâmbio com a *École Nationale Supérieure des Beaux Arts* de Paris. Foi indicada ao prêmio PIPA em 2012.

SERVIÇO

Patrizia D’Angello – Jardim do Éden

4 de dezembro de 2021 a 25 de fevereiro de 2022

Galeria do Lago, Museu da República

Rua do Catete, 153, Catete, Rio de Janeiro/RJ

Telefone: (21) 2127-0324

De terça a sexta, das 10h às 12h e das 13h às 17h.

Sábados, das 11h às 18h.



Patrizia D’Angello,
O Silêncio dos Bons
Foto: Divulgação



Antonio Bokel,
sem título,
série *Nova mitologia*,
2011

VAGALUMES 21, forças poéticas que resistem à escuridão

O que seres humanos e vaga-lumes têm em comum? Essa indagação inspira, tanto no sentido literal da bioluminescência quanto em seu aspecto metafórico, a temática que orienta a publicação fine art bilíngue “Vagalumes 21”, com obras de 21 artistas visuais de diferentes regiões do país, a ser lançada no dia 12 de dezembro ao ar livre, na praia do Leblon/RJ. A iniciativa é de Pedro Seve Borges, com curadoria do editor e artista carioca Sergio Mauricio Manon e curadoria adjunta da antropóloga e pesquisadora Ana Amado

Cerca de 80 trabalhos de nomes como Antonio Bokel, Flavia Junqueira, Jaider Esbell (1979-2021), Pedro Varela, Rodolpho Parigi e Walmor Correa integram a publicação em grande formato, com 184 páginas, compondo um recorte da produção artística contemporânea das últimas duas décadas no país.

O projeto editorial resgata a metáfora central do texto clássico do filósofo francês Georges Didi-Huberman, *Sobrevivência dos vaga-lumes* (Editora UFMG, 2011), que marcou o pensamento crítico no campo das artes, representando uma guinada na história recente da arte contemporânea. Em sua obra, o ensaísta francês atravessa vários campos de pensamento em diálogo com a produção de artistas e filósofos como o italiano Giorgio Agamben e o alemão Walter Benjamin.

Mas é a partir do ensaio *O vazio do poder na Itália*, também conhecido como "artigo dos vaga-lumes", escrito em 1975 por Pier Paolo Pasolini, que Didi-Huberman defende a sobrevivência da experiência e da imagem, em contraponto ao grande cineasta italiano.

A visão apocalíptica de Pasolini de que "não existem mais seres humanos" (em um contexto histórico marcado pelo autoritarismo), e a de Agamben, que afirma que o homem contemporâneo está "desprovido de sua experiência", constituem um dos eixos da discussão estabelecida por Didi-Huberman. O filósofo francês insiste na reformulação simbólica posi-

tiva dos vaga-lumes, fundada na ideia da sobrevivência da imagem como aparição rara e resistente ao domínio da cultura espetacular.

"Na construção do conceito que orienta *Vagalumes*²¹, levamos em conta algumas dessas reflexões. Entendemos que a metáfora do vaga-lume se atualiza ao representar as forças poéticas que brilham, sobrevivem e, sobretudo, resistem ao obscurantismo dominante nesses dias", reflete Manon, que assinou o projeto editorial e gráfico da *Santa Art Magazine*, publicação especializada em artes visuais, criada em 2008 e premiada em 2013 com o *Benny Awards* de melhor revista de arte do mundo.



Manon,
Das plantas viemos, às plantas voltaremos,
série *Cubofagia*, 2021



Walmor Corrêa, *E a velha a fiar*,
série *Diorama / Pandemia*, 2020

De acordo com Sergio Manon, ao longo da pesquisa curatorial, descobertas surpreendentes somaram-se à poética da nova publicação: *“Um estudo realizado por três universidades japonesas, em 2009, comprovou o fenômeno da bioluminescência humana. O corpo humano brilha! Nossos corpos podem irradiar luz porque produzem radicais livres que reagem à gordura do organismo e emitem fótons (partículas de luz)”*, comenta o artista e curador.

SOBRE O CURADOR

Sergio Mauricio Manon é artista, curador independente e editor. Publicou a *Santa Art Magazine*, vencedora do *Benny Award 2013*, em Chicago, como melhor publicação *fine art* do mundo. Ao longo de 10 edições publicou 170 artistas, além de mais de 120 curadores, escritores e pensadores de arte, do Brasil e de outros países. Em 2021, sua série *Jardim das Sinapses* foi capa da revista de arte italiana *Aínas*.



James Kudo, *sem título*, série *Janelas*, 2010

SOBRE A CURADORA ADJUNTA

Ana Amado é curadora independente, pesquisadora e mestre em Literatura, Cultura e Contemporaneidade na Puc-Rio. Bacharel em Antropologia na Unicamp; especializou-se em Filosofia pela Universidade de Brasília. Recentemente, teve seu ensaio curatorial publicado na revista de arte italiana *Aínas*.

SOBRE A SANTA ART MAGAZINE

Santa Art Magazine, criada em 2008, realizou 10 edições em que foram apresentados 160 artistas de todas as regiões do Brasil e de diversas partes do mundo. Entre eles, Antonio Dias, Cildo Meireles, Daniel Senise, Waltercio Caldas, Fayga Ostrower, Ana Elisa Egreja, Marepe, Bispo do Rosário, Luiz Aquila, Felipe Barbosa, Franklin Cassaro e Elliott Erwit.

Confira a lista de artistas e obras que integram a VAGALUMES21:

Rodolpho Parigi, São Paulo, *Metafísica da pintura*

Jaidier Esbell, Roraima, *A guerra dos Kanaimés*

Danielle Carcav, Rio Grande do Norte, *Infância*

Bruno Vilela, Pernambuco, *Paraíso perdido*

Gustavo Malheiros, Rio de Janeiro, *Pedra e luz*

Isabela Stampanoni, Pernambuco, *Proteja-me*

Pedro Varela, Rio de Janeiro, *Queimada*

Marcos Prado, Rio de Janeiro, *Os carvoeiros*

James Kudo, São Paulo, *Janelas*

Talita Hoffmann, Rio Grande do Sul, *Areia movediça*

Anderson AC, Bahia, *Instantes*

Marcos Correa, Rio de Janeiro, *Cellophane babies*

Talitha Rossi, Rio de Janeiro, *A mãe natureza e a filha da internet*

Antonio Bokel, Rio de Janeiro, *Nova mitologia*

Rogério Reis, Rio de Janeiro, *Phebolitos*

Ilan Kelson, Rio de Janeiro, *Tempus fugit*

Walmor Corrêa, Santa Catarina, *Diorama pandemia*

Manon, Rio de Janeiro, *Cubofagia*

Alice Lara, Brasília, *As ordens no paraíso*

Flávia Junqueira, São Paulo, *O absurdo e a graça*

Ana Maria Dias, São Paulo, *Porto Feliz*

Pedro Borges, Rio de Janeiro, *Luz e sombra*

SERVIÇO

VAGALUMES21

Publicação bilíngue, *fine art*, em grande formato, 184 páginas

Lançamento: 12 de dezembro de 2021, às 18h

Local: Quiosque La Carioca en la Playa, Posto 11

Endereço: Av. Delfim Moreira, 117, Leblon, RJ

No dia do lançamento, grande parte dos artistas estará presente para assinar os exemplares

À venda nas livrarias Argumento e Travessa

Preço: R\$ 180



Rogério Reis, *Phebolitos*,
edições de quarentena, 2020-2021



Isabela Stampanoni, *São Jorge, Ogum*,
série *Proteja-me*, 2009

COQUETÉIS PARA ALEGRAR O NATAL

As bebidas servidas no Natal costumam dar um toque especial à festa, junto com a ceia, é claro. Além dos tradicionais vinhos e espumantes, drinks coloridos e de fácil preparo podem deixar a noite ainda mais animada. Confira as sugestões da OxiGênio.

CAIPIRINHA ACADÊMICA

Ingredientes

1/5 limão galego
2 colheres sobremesa de mel
70 ml cachaça Seleta (Salinas –MG).
4 pedras de gelo

Modo de Preparo

Lave o limão e corte em fatias finas, desprezando as extremidades. Coloque as fatias em um copo baixo, adicione o mel e amasse bem a fruta com um socador para extrair o suco do limão. Acrescente 4 pedras de gelo e, por último, a cachaça. Mexa bem antes de servir.



Foto: Berg Silva

* Receita da Academia da Cachaça, RJ

GIN TÔNICA COM LIMÃO E ALECRIM

Ingredientes

50 ml de gin
2 doses de água tônica
½ limão espremido
Alecrim
Gelo

Modo de Preparo

Em uma taça despeje o gelo, acrescente o gin, a água tônica e o limão espremido. Decore o coquetel com rodela de limão e raminhos de alecrim.



Reprodução Coolicias

BLOODY MARY

Ingredientes

1 dose de vodka
200 ml de suco de tomate
½ dose de suco de limão
4 gotas de tabasco (molho de pimenta)
10 ml de molho inglês
1 pitada de sal
1 rodela de limão (para decorar)

Modo de Preparo

Misture todos os ingredientes na coqueteleira. Coloque o gelo em um copo alto e despeje a mistura com a ajuda de uma peneira. Decore com a rodela de limão na borda e sirva.



Foto:Alexander Roshal / Freepik

MIMOSA

Ingredientes

1 garrafa de espumante
250 ml de suco de laranja

Modo de Preparo

Em uma taça, sirva o espumante e complete com o suco de laranja. A medida certa é sempre duas doses do espumante para uma do suco. Sirva imediatamente.



Reprodução site Pão de Açúcar

WHISKY SOUR

Ingredientes

1 dose de whisky Bourbon
Suco de ½ limão
1 colher de chá de clara de ovo
1 colher de sopa de açúcar
100 g de gelo triturado

Modo de Preparo

Bata tudo no liquidificador em velocidade baixa e sirva em um copo baixo com bastante gelo. Decore com uma casca de laranja.



Reprodução site Pão de Açúcar

CLERICOT

Ingredientes

1 garrafa de vinho branco seco
2 maçãs verdes picadas em cubo
1 cacho de uvas (vermelhas ou verdes)
3 pêsegos picados em cubo
1 pêra picada em cubo
5 morangos cortados em fatias
½ abacaxi picado em cubo

2 doses de vermute branco
5 colheres de sopa de açúcar
Gelo a gosto

Modo de Preparo

Separe uma jarra de suco bem grande e adicione todos os ingredientes, misturando bem, deixando o gelo apenas para o final. Sirva imediatamente.



Para os que preferem receitas tradicionais de natais nevados, vale tentar o Eggnog, o drink preferido dos americanos

EGGNOG

Ingredientes

3 colheres (sopa) de açúcar
3 colheres (sopa) de água
1 ovo
75 ml de leite
1 dose de rum ou conhaque
Gelo
Canela ou noz-moscada para finalizar

Modo de Preparo

Em uma panela, adicione o açúcar e deixe ferver. Em seguida, deixe cozinhar por 2 minutos. Adicione as 3 colheres (sopa) de água e mexa até virar um caramelo. Em um liquidificador, bata o ovo, 1 colher (sopa) do caramelo que se formou na panela e o leite. À mistura do liquidificador, adicione



a dose de rum ou conhaque, o gelo e misture bem. Finalize com canela em pó ou noz-moscada.

QUANDO O NATAL COMEÇA BEM ANTES ...

Maria Hermínia Donato

Esse ano meu Natal chegou cedo. Em outubro, minha rua foi sequestrada. Da noite para o dia, um grande número de pessoas transformou Sutton Place (nome da rua onde moro) em um dos cenários do filme baseado na obra de Charles Dickens – *Um Conto de Natal*, publicado em 1843, *best-seller* instantâneo que mudou a visão das pessoas sobre o Natal para uma celebração de bondade e atos de caridade, além de enfatizar o momento das famílias ficarem juntas.

Assim, durante dois dias Sutton Place virou um studio hollywoodiano: neve nas calçadas, poinsétias (flor-do-

natal) plantadas nos jardins e árvores de natal iluminadas brilhavam nas janelas das casas escolhidas para as filmagens. Guindaste com holofotes davam luz aos flocos de neve que jorravam de uma máquina, vassouras varriam as pegadas deixadas na superfície branca das calçadas, e dollies carregando câmaras corriam de um lado a outro.

As filmagens foram feitas no final da tarde, com a rua repleta de moradores e visitantes curiosos que ficavam imóveis ao som de “AÇÃO”. Da janela do meu quarto eu também filmava, na tentativa de preservar meu pré-

Natal. Na verdade, me senti uma figurante do filme, e o WhatsApp do grupo da rua ficou repleto de imagens do comercial assim que apareceu na televisão.

Muito diferente do ano passado, quando por conta



Museu da Casa
(*Museum of the Home*)

Foto: Alexander Roshal / Wikipédia

da pandemia meu Natal foi reduzido a uma pequena celebração sem a família estar completa. Esse ano, ao contrário, vou celebrar a festa no Rio de Janeiro com a família toda, graças ao relaxamento das restrições impostas pela Covid-19.

Nesse clima festivo, fui visitar o *Museu da Casa* (*Museum of the Home*), que exibe uma exposição sobre a comemoração do Natal através dos tempos. Até 2019 o espaço era chamado de Museu Geffrye, em homenagem a Sir Robert Geffrye (1613-1703), comerciante da Companhia das Índias, Governador de Londres em 1685, que financiou a construção dos asilos que hoje abrigam o Museu. Mas o fato de ele ter se beneficiado

com o comércio de tabaco e escravos gerou protestos na comunidade local, que exigiu, inclusive, a retirada de sua estátua na entrada do museu.

PASSEANDO PELOS NATAIS

A exposição *Christmas Past* se espalha pelas salas do térreo, mostrando a comemoração do Natal de 1630 ao século XXI. E não são salas de visitas dos ricos, são baseadas nas casas da classe média londrina, onde as famílias viviam com certo conforto.

No início do século XVI, o Natal tinha uma relação maior com o festival pagão do Solstício de Inverno. As salas eram decoradas com ramos de alecrim e louro

Sala de visitas Natal 1600



Sala de visitas Natal 1790





Sala de visitas Natal 1830

que tinham ligações místicas com a vida eterna e a fertilidade. Na lareira, um tronco de madeira colocado na véspera de Natal, queimava durante 12 dias para proteger a casa; se o fogo apagassem traria má sorte para o próximo ano. Hoje, a *Buche de Noel* (um bolo criado na França no formato de um tronco de árvore) representa essa tradição.

Antes das árvores de Natal, a decoração mais popular era o ramo de Mistletoe (planta parasita que os Celtas consideravam mágica e sagrada pelo seu poder medicinal) suspenso no teto da sala, para que todos compartilhassem um beijo de Natal embaixo dele. Tradição mantida na noite de Réveillon.

No Natal de 1790, o rosbife e o pudim de ameixa eram os pratos favoritos. O pudim – servido como prato principal – era feito com banha, frutas secas, leite, farinha e conhaque, muito parecido com a receita do “*Christmas pudding*”. A vela grande (*Yule Candle*), no centro da mesa de jantar, era acesa ao pôr-do-sol na véspera de Natal e queimava até o amanhecer para abençoar a família. Se apagassem antes do amanhecer, azar ou

morte para o ano seguinte. Nunca pensei que o Natal fosse tão cheio de superstições!

É também no século XVI que surge a tradição de dar gorjetas a empregados, comerciantes e artistas para suas caixas de Natal. Mas no dia 26 de dezembro, dia de Santo Estevão, muitas vezes celebrado com doações para caridade. Bônus de Natal?

Em 1830, na décima segunda noite depois do Natal – Dia de Reis – os ingleses (que tinham 12 dias de folga nessa época do ano) se divertiam com o jogo de charadas, onde cada convidado assumia um personagem. Um feijão era incluído na massa do bolo e quem o achasse ficaria encarregado das festividades da noite. O bolo era a atração da mesa, decorado com cobertura de açúcar e pequenas esculturas. Os confeitores expunham suas obras de arte em suas vitrines e cobravam caro pelo serviço.

Quando o Reino Unido se tornou uma nação industrializada (a *Lei da Fábrica* foi aprovada em 1833), o Parlamento reconheceu apenas dois feriados legais: Sexta-feira Santa e Dia de Natal, acabando com a tradição da grande folga natalina.

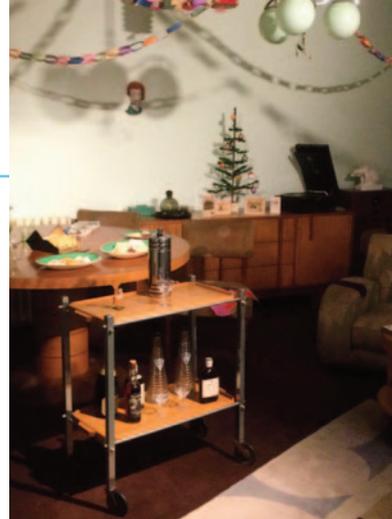
Mas em 1870 surgiu uma tradição que permanece viva até hoje: a árvore de Natal. Na verdade, ela ficou famosa depois que o *Jornal Ilustrado de Londres* publicou imagens da Rainha Vitória com a família real ao redor da árvore. E foi também nos anos 1800 que



Sala de visitas Natal 1870



Sala de visitas Natal 1915



Sala de visitas Natal 1937

surgiu o primeiro cartão de Natal, criado por Henry Cole, como solução para as inúmeras saudações natalinas que anteriormente eram escritas por ele, a mão.

A primeira mensagem de Natal Real, entretanto, ocorreu somente em 1937, em discurso feito pelo Rei George VI, após a abdicação do Rei Edward VII. A transmissão se deu pelo rádio, para cerca de 20 milhões de pessoas. Hoje, a mensagem de Natal da Rainha é transmitida em todo o mundo. Também na década de 1930 foi produzida a primeira árvore artificial; em 1937 virou popular. Menores do que as árvores naturais, e bem mais baratas, tornaram-se convenientes para os moradores da cidade que viviam em apartamentos.

As lojas de departamento com vitrines natalinas influenciaram o consumo e estabeleceram o hábito das compras de Natal, incluindo o comércio de brinquedos vinculados a personagens de filmes infantis. E canções de Natal famosas ainda hoje também vêm da mesma época – *“Santa Claus is Comin To Town”* foi originalmente lançada em 1934, assim como as lanternas de papel com cores e texturas brilhantes que destacam a tendência nos designs de motivos e padrões japoneses.

EM CADA SALA UMA HISTÓRIA

A instituição tem uma proposta museológica bem interessante: criou cenas imaginárias que levam os visitantes para além de uma simples observação do espaço, propiciando um mergulho mais profundo na história natalina de cada ano.

Em 1915, por exemplo, Ruth (mãe) e Mary (filha mais velha) conversam e preparam os presentes para serem colocados nas meias de Natal.

Mas ao invés de trocar presentes, resolvem mandar um pacote de Natal para o marido e o filho que estavam servindo na guerra. Era época de ingredientes escassos e celebrações bem simples, mas prevaleceu o espírito de caridade.

NARRATIVA DO MUSEU PARA O NATAL DE 1970

Este ano, a família McMillan está passando o dia de Natal em casa, em Hackney. Tradicionalmente, muitas pessoas do Caribe e seus descendentes tiravam férias no Natal para visitar a família. Passar o Natal no Reino Unido oferece a possibilidade de misturar as tradições festivas inglesas e caribenhas.

As decorações são colocadas na sala da frente e os presentes empilhados embaixo da árvore. As preparações na cozinha começaram cedo e continuam até às quatro da manhã na véspera de Natal.

O luxuoso compartimento de bebidas debaixo da vitrola está iluminado com garrafas de Babycham, Cherry B e bebidas caseiras como Azeda, tradicionalmente servida com um toque de rum branco. As crianças também desfrutam de um gostinho adocicado de Warninks Advocaat Eggnog, enquanto seus pais tomam Stone's Ginger Wine (tradicional vinho com gengibre e passas) juntos. Um feriado religioso.

O Natal é uma celebração importante para a família McMillan, canções natalinas na voz de Jim Reeves tocam no rádio. Eles não frequentavam a igreja regularmente, mas expressaram sua identidade religiosa com a pintura da Última Ceia e outras gravuras cristãs nas paredes. Quando a geração "Windrush" migrou do Caribe para o Reino Unido, a partir da década de 1950, muitas igrejas não foram acolhedoras, e a sala da frente tornou-se o espaço onde eles podiam praticar a oração e a adoração em paz.

O jantar de Natal, em vez do peru assado, continha curry de cabra, frango estufado, peixe frito com arroz, ervilhas com macarrão e queijo, batata-doce e salada. Tudo regado com cerveja de gengibre caseira, ponche Guinness ou Mauby. Depois de algumas fatias de Black

Cake feito com frutas picadas embebidas em rum branco e alguns copos de xerez, eles ouviam Trojan Reggae, discos de BlueBeat e My Boy Lollipop, de Millie Small, em um ambiente festivo na sala da frente.

A animação foi tanta que por muito por pouco não dançei na frente da sala do Natal de 1970!

Recomendo uma visita ao Museu.

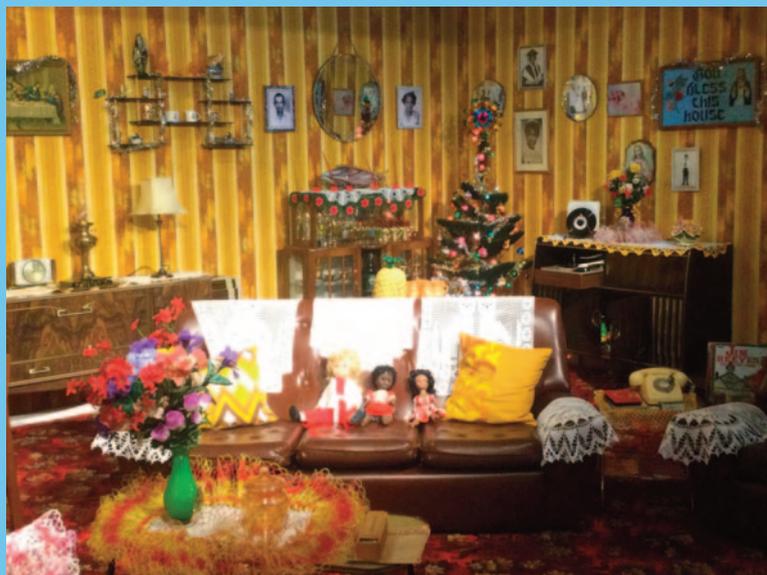
Museu da Casa, Museum of the Home

136 Kingsland Road, E2 8EA

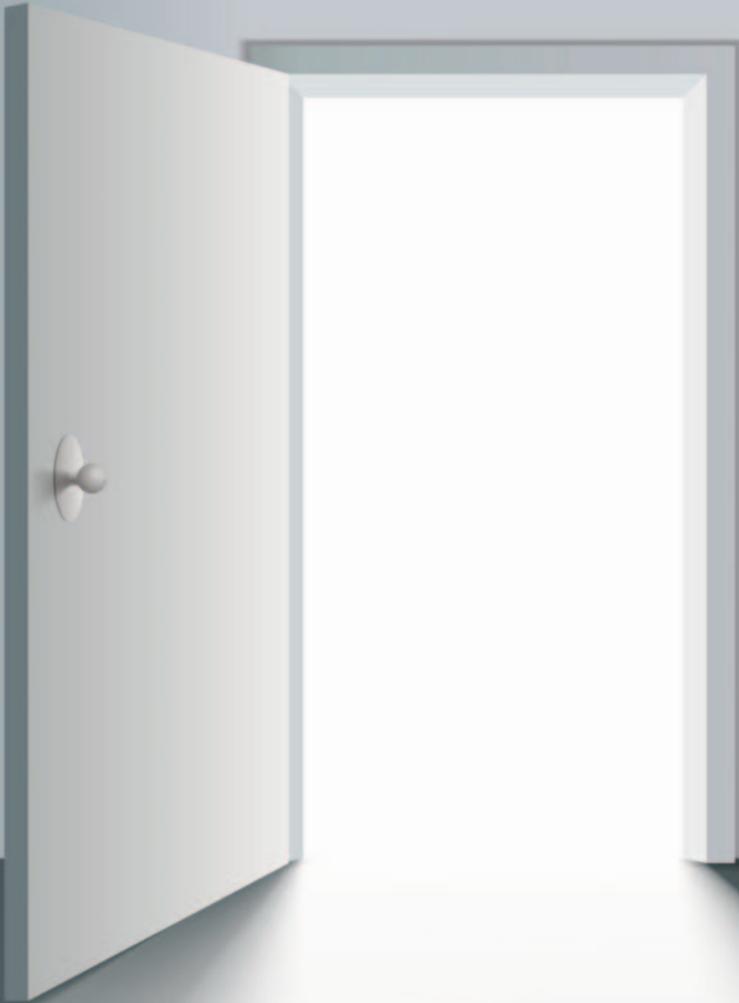
Aberto: terça a domingo, das 10h às 17h

Entrada grátis

Sala de visitas Natal 1970



Oxigene seu negócio.
Aqui você só encontra notícias boas.
Revista mensal, online e gratuita.



OXIGÊNIO
revista

SOLICITE NOSSO MÍDIA KIT
oxigeniorevistabr@gmail.com